



Nº 1139 - Semanal  
0,50 €

31 Janeiro 2002

# ACÇÃO SOCIALISTA

ÓRGÃO OFICIAL DO PARTIDO SOCIALISTA

Director **António José Seguro** Director-adjunto **Silvino Gomes da Silva**  
Internet [www.ps.pt/accao](http://www.ps.pt/accao) E-mail [accao.socialista@partido-socialista.pt](mailto:accao.socialista@partido-socialista.pt)



## RESTABELEECER A CONFIANÇA

### LISTAS DE DEPUTADOS

À hora de fecho desta edição do "Acção Socialista" iniciava-se, na sede do Largo do Rato, uma reunião conjunta da Comissão Política do PS e dos presidentes das federações distritais para elaboração das listas de candidatos a deputados pelo Partido Socialista à Assembleia da República. Esta reunião tem lugar um dia depois das federações se terem pronunciado sobre cada lista no respectivo distrito. Como órgão oficial do PS, não nos cabe o papel de semear intrigas ou levantar polémicas a propósito da sempre complicada e delicada tarefa da constituição dessas listas. Na próxima edição daremos a notícia da arrumação dos nossos candidatos em cada círculo eleitoral, deixando para outros as tricas e o tricó.

### AMBIENTE

#### CINCO ANOS ÍMPARES

### UE/ÁFRICA

#### MARIA CARRILHO QUER COOPERAÇÃO DESCENTRALIZADA

► Página 13

► Página 14

## FAZER BEM POR PORTUGAL

Ferro leva-nos lá, a esse Portugal moderno, desenvolvido e competitivo com que sonhas e nos fazes sonhar a nós. Falando verdade aos portugueses, pois claro. E que outra linguagem poderíamos falar senão a da verdade, pois se entre nós temos poetas que a cantam e dirigentes que a elogiam.

Porque com a poesia também se faz política, os caminhos que o novo Secretário-geral trilha nos seus discursos lembram os versos de Sophia, aqueles em que fala Abril, como só ela sabe sentir e dizer-nos. "Nesta hora limpa da verdade é preciso dizer a verdade toda / Mesmo aquela que é impopular neste dia em que se invoca o povo". Ou quando, a mesma Sophia numa actualidade intemporal sentenciava "Nestes últimos tempos é certo que a esquerda fez erros (...) Mas que diremos da longa tenebrosa e perita / Degradação das coisas que a direita pratica?".

O mesmo diz Ferro Rodrigues na sua linguagem política quando afirma que o confronto das próximas legislativas opõe dois projectos, dois modelos de sociedade dois caminhos. As escolhas em democracia cabem aos cidadãos. O nosso consubstancia a coesão com o desenvolvimento e o progresso, alicerçado na solidariedade e nos nossos laços históricos comuns, para avançarmos juntos e em condições de igualdade para o mundo do Século XXI. O outro traz o neoliberalismo desenfreado, o salve-se quem puder, na promessa já expressa de baixar os impostos às classes mais favorecidas e no aumento do IVA que colhe a todos por igual.

Há dificuldades económicas grandes e as finanças públicas estão obrigadas com Bruxelas a metas, compromissos que o Estado português tem que honrar. Para isso a receita só pode ser a do rigor. Rigor nas contas públicas. É isso que o novo líder do PS diz que vai fazer. Quem fez a reforma da Segurança Social, quem criou o Rendimento Mínimo Garantido, quem aumentou de 60 milhões para mais de 700 milhões de contos o Fundo de Pensões, quem combateu eficazmente a fraude à Segurança Social é porque vai mesmo cumprir com o défice zero em 2004, no mínimo, atribuir o salário mínimo a cada casal de idosos, acabar com a sisa e tornar obrigatória a prescrição de genéricos. A palavra é de um economista reputado com provas dadas.

Seriedade, coragem e determinação são as palavras escolhidas pelo marketing para ajudar à campanha. Mas, evoquemos outra vez Sophia e os seus versos de aviso: "o demagogo diz da verdade a metade", e a prova de que tem razão fica clara quando lemos os cartazes que o PSD espalhou pelo País. É também contra isto, contra a demagogia que temos de lutar.

Há novos projectos para a saúde, novas ideias para a ciência e tecnologia, renovadas propostas para a educação, um calendário social com políticas de nova geração, uma agenda exigente que

só os socialistas conseguem cumprir.

Num partido Republicano e Laico como o nosso a fé em Ferro é enorme. O partido está mobilizado, as feridas das listas sararão em breve, porque a batalha nos espera, e tem encontro marcado a 17 de Março. O PS não pretende o poder pelo poder como sublinhou o gesto elevado de António Guterres, mas almeja-o porque tem um projecto de justiça social e tem as melhores propostas para o País. Por isso vamos ganhar. Também iremos vencer o próximo acto eleitoral porque os governos socialistas dos últimos seis anos serviram de facto Portugal. Avançaram as políticas sociais como nunca, alcançaram-se metas ambientais com reconhecido sucesso, com tranquilidade fez-se uma revolução na justiça, a cultura ficou mais acessível e mais perto dos cidadãos para quem foram criadas Lojas, e em todos os sectores se progrediu qualitativa e quantitativamente. Ao mesmo tempo os portugueses tornaram-se mais exigentes e o seu nível de vida melhorou enormemente. As suas expectativas aumentaram e as nossas responsabilidades também. Renovar a Maioria nos termos do compromisso é essencial para o desenvolvimento de Portugal. De imediato, vamos ao trabalho para voltar a merecer a confiança portugueses, formar governo e ter Ferro Rodrigues como primeiro-ministro de Portugal.

**Seriedade, coragem e determinação são as palavras escolhidas pelo marketing para ajudar à campanha. Mas, evoquemos outra vez Sophia e os seus versos de aviso: "o demagogo diz da verdade a metade", e a prova de que tem razão fica clara quando lemos os cartazes que o PSD espalhou pelo País. É também contra isto, contra a demagogia que temos de lutar.**

**SILVINO GOMES DA SILVA**

## A SEMANA REVISTA

Em clima de unidade e coesão decorreu no passado sábado em Lisboa a Convenção Nacional do PS que sufragou a moção "Renovar a Maioria" apresentada por Ferro Rodrigues. Foi definida uma prioridade, uma estratégia e um objectivo, e aprovados diversos compromissos eleitorais que passarão a constar no Programa de Governo que os socialistas irão apresentar ao eleitorado.

O primeiro tempo de antena com o novo secretário-geral do PS, Ferro Rodrigues, que foi ontem para o ar no canal 1 da RTP, está disponível no endereço [www.ps.pt](http://www.ps.pt), o novo site do Partido Socialista.

As listas de candidatos a deputados à Assembleia da República pelo Partido Socialista foram aprovadas na Comissão Política Nacional de ontem. Para o combate eleitoral de 17 de Março, falta só o Programa de Governo para que o PS esteja condições para entrar plenamente na campanha.

Acabaram definitivamente as lixeiras a céu aberto em Portugal. Bandeira eleitoral dos socialistas, o cumprimento de mais esta promessa é a resposta àqueles que nos acusam de nada fazer. Partindo com 10 anos de atraso relativamente à União Europeia, Portugal está agora no pelotão da frente no que respeita à salvaguarda do meio ambiente.

O ministro da Cultura, Santos Silva, assinou com o cardeal-patriarca de Lisboa um protocolo que vai permitir a recuperação da Sé de Lisboa, devolvendo assim a dignidade a um dos mais importantes monumentos da capital, datado do século XII.

O ministro da Agricultura, Capoulas Santos, inaugurou dois açudes de aproveitamento hidro-agrícola do vale do Lis que ascenderam a mais de 3,7 milhões de euros.

Foi publicada a portaria que permite que todas as unidades de cuidados intensivos possam proceder à colheita de órgãos para transplante, medida que visa aumentar o número de transplantes no nosso país.

SEG. TER. QUA. QUI. SEX. SÁB. DOM.



**Duas formidáveis intervenções do nosso secretário-geral marcaram a Convenção do PS, que se realizou no passado Sábado em Lisboa. Desde logo, a da abertura dos trabalhos, onde se referiu a três compromissos concretos na área da saúde e que passarão a constar no Programa do Governo que o PS vai apresentar ao eleitorado. São eles: a prescrição dos medicamentos por nomes genéricos a partir de janeiro de 2003; a criação de 100 farmácias sociais tuteladas por entidades sociais e a garantia de que os cidadãos poderão escolher o centro de saúde onde querem ser atendidos sem limitações geográficas. Na de encerramento, comprometeu-se a levar Portugal a "vencer o desafio histórico de atingir o défice zero em 2004".**

## CONVENÇÃO NACIONAL

# DA SERIEDADE, DA CORAGEM E DA DETERMINAÇÃO



A ambição de Ferro Rodrigues para o nosso país passa pela definição de uma agenda política exigente, assente numa prioridade, num objectivo e numa estratégia. A prioridade política assumida pelo líder do PS, diz que é preciso "restabelecer a confiança" para ultrapassar as dificuldades, aproveitar com eficácia as oportunidades de desenvolvimento e utilizar as nossas capacidades para acompanharmos a retoma económica já em 2002.

O objectivo aponta para o reforço do ritmo de convergência com União Europeia, não só ao nível económico, mas também tecnológico, cívico e social. E a estratégia consiste em aumentar a competitividade, garantido ao mesmo tempo a coesão nacional.

### O nosso património é o alento para continuar

Herdeiro de Mário Soares, Victor Constâncio, Jorge Sampaio e de António Guterres, cabe agora a Ferro Rodrigues continuar a fazer do PS a força do progresso, da modernidade e da justiça na sociedade portuguesa". Na sua primeira intervenção como Secretário-geral do PS, Ferro Rodrigues teve uma palavra especial para António Guterres "pela dedicação, pela inteligência, pela visão com que conduziu o Partido durante uma década. A década da nossa existência em que ganhámos mais eleições". Com o horizonte das próximas legislativas de 17 de Março, o recém-eleito líder do PS avança para a batalha eleitoral com o "dever máximo de falar verdade" de modo a que os portugueses possam compreender com a maior profundidade possível a situação do País e os desafios do futuro.

Depois de comparar o momento actual com aquele que PS encontrou Portugal após 10 anos de governos laranja, o saldo é altamente

favorável para os socialistas. E Ferro Rodrigues deu exemplos claros dos avanços registados nos últimos seis anos: mais de 50 mil jovens concluem anualmente a sua licenciatura no ensino superior; mais de 55 mil crianças têm hoje acesso ao ensino pré-escolar; o investimento público na ciência foi multiplicado por quatro; a criação de mais de 138 mil empresas com a redução do tempo da sua criação de 4 a 6 meses para menos de 30 dias; os beneficiários de equipamentos de apoio à terceira idade passaram de 94 mil em 1995 para 175 mil em 2001; a formação de 10 mil agentes policiais que correspondeu a um reforço de 6 mil policiais nas ruas; desde 1995 reduziu-se em mais de 125 mil o número de desempregados; mais de um milhão de portugueses comprou casa própria e mais de 310 mil famílias jovens beneficiaram de apoio à habitação. Relembrou também Ferro Rodrigues que Portugal "soube negociar um QCA com investimentos da ordem dos 50 mil milhões de Euros e que é hoje o país da Europa mais avançado na sua concretização". Sem escamotear a realidade, assumindo que "Portugal está a sofrer de forma séria o abrandamento da situação económica" e que "não nos foi possível em 2001 continuar a reduzir o défice das contas públicas como sempre o fizemos desde que chegamos ao Governo", Ferro Rodrigues está certo de que só PS pode dar resposta a estas dificuldades porque "conhecemos melhor do que ninguém os problemas do País e porque os queremos resolver", além de que o "PS sempre pôs os interesses de Portugal acima dos de qualquer grupo ou lógica partidária".

### Dois projectos em confronto a 17 de Março

A próxima pugna eleitoral vai colocar em confronto dois projectos, duas lideranças e dois caminhos.

A escolha caberá, como sempre em democracia, aos portugueses que terão de optar entre nós e a direita "disfarçada de capuchinho vermelho e falinhas mansas".

Depois de nos terem acusado de não termos um linha de rumo definida, vejamos o que já está a acontecer com o nosso principal adversário que "ora quer privatizar a CGD, ora já não quer, ora quer privatizar a RTP, ora já não é bem assim, ora extingue o RMG, ora já não é bem assim, ora quer equilibrar as contas públicas, ora parece que já não quer".

Mas Ferro Rodrigues vai mais longe nas suas críticas para afirmar que o projecto que o PSD tem para oferecer aos portugueses corresponde ao "liberalismo desenfreado: irrealista naquilo que já é apresentado, perigoso naquilo que é apenas ameaçado".

Por isso, e mais uma vez, o líder socialista se propõe falar verdade em todos os seus contornos e exige que os nossos adversários usem da mesma linguagem. Desde logo no que respeita à proposta de redução de impostos. Sendo certo que a os socialistas se afirmam a favor da redução dos impostos desde que essa diminuição contribua para tornar a fiscalidade mais justa de modo a favorecerem as famílias mais desfavorecidas ou a promover o emprego e o investimento, já não é para nós aceitável que se precedam a reduções socialmente injustas por "atingirem as famílias de mais altos rendimentos, ou são incomportáveis por atingirem valores que se podem aproximar dos 700 milhões de contos." Nesta base, interroga-se Ferro Rodrigues: "Como é que dessa forma se cumprem os objectivos de equilíbrio orçamental? Que despesas suprimiriam? E como? E porque não o dizem?"

### Um governo de missão

Se o PS ganhar as próximas eleições, como esperamos, Ferro Rodrigues formará um

Gabinete mais pequeno em número de ministros e de secretários de Estado. A promessa foi deixada perante os milhares de socialistas e de simpatizantes que enchem por completo o Coliseu de Recreios de Lisboa. "Será um governo aberto à sociedade, para o qual contamos com o contributo de todos de todos e para o qual escolheremos os melhores" afirmou o futuro Primeiro-ministro de Portugal para quem "a responsabilidade de funções públicas, a todos os níveis, deve, acima de tudo, significar competência e capacidade".

Na sua intervenção de encerramento, Ferro Rodrigues avançou com um vasto leque de propostas e compromissos que destacamos em quadro +anexo, tendo ao mesmo tempo lançado o alerta sobre a receita ultraliberal que a direita gostaria de ver aplicada e que se consubstanciaria na "diminuição da protecção dos direitos dos trabalhadores, num choque de despedimentos e diminuição do emprego e numa segurança social só para os mais pobres". Uma receita que "impõe a privatização dos riscos sociais (...) que vende ilusões e não conta as verdades (...) que penaliza as classes médias disfarçadamente".

Pedindo aos portugueses que confiem em si, Ferro Rodrigues pede um mandato claro para governar o País, uma maioria absoluta que lhe permita ultrapassar os problemas sentidos pelos governos socialistas de maiorias relativas, e levar Portugal à primeira linha da União Europeia, realizando em 2004 o objectivo do equilíbrio orçamental.

A única coligação possível, segundo o nosso Secretário-geral, "é a do PS com os seus próprios eleitores. Por isso, não somos nós que necessitamos de uma maioria absoluta, é o País que necessita. Nós temos de trabalhar para a merecer".

# PRIMEIROS COMPROMISSOS ELEITORAIS DO PS

## Finanças Públicas

- Desafio histórico: défice zero em 2004.
- Consolidação das contas públicas e equilíbrio orçamental
- Manutenção do investimento tendo em vista a dinâmica de modernização, do país.
- Cruzamento obrigatório da informação fiscal e da segurança social com condicionante dos contractos públicos e das ajudas do Estado
- Desagravamento do IRS para as famílias de pequenos e médios rendimentos
- Redução gradual e selectiva do IRC, tendo como objectivo o patamar de 20% para as empresas que invistam em áreas económica, ambiental e socialmente reprodutivas
- Substituição da sisa pelo imposto de selo
- Criação de um sistema de tributação de venda e de circulação de automóveis que incorpore a vertente ambiental
- Levantamento do sigilo bancário quando houver indícios da prática de crime.

## Reforma do Parlamento

- Adopção de um sistema eleitoral proporcional de representação personalizada com introdução de círculos uninominais

## União Europeia

- Reforçar o ritmo de convergência económica, tecnológica, cívica e social.

## Educação, formação e qualificação

- Expansão progressiva da escolaridade obrigatória
- Todos os jovens até aos 18 anos devem estar na escola ou em formação profissional

- Lançamento de um programa integrado de melhoria dos níveis escolares em matemática, português e inglês no ensino básico
- Generalização da avaliação das escolas básicas e secundárias
- Estabilidade do corpo docente e valorização dos melhores professores
- Criação de programas de recuperação para alunos com dificuldades
- Criação do programa "depois das aulas"

## Competitividade das empresas

- Nova geração de políticas económicas estruturais
- Criação de uma Autoridade Independente dotada de capacidade de investigação e intervenção rápida.
- Redução para apenas 48 horas para criação de empresas
- Reorientação da política de apoio directo ao investimento através de uma política selectiva de apoio ao investimento directo estrangeiro e de estímulo à iniciativa empresarial de base tecnológica.
- Reforço do investimento na conclusão da rede de plataforma logística
- Investimento público em infra-estruturas

## Acessibilidades e Transportes

- Prolongamento até Bragança da A4
- Ligação entre Sines e a fronteira espanhola
- Conclusão dos investimentos lançados na Rodovia, na modernização ferroviária, portuária e aeroportuária
- Criação de Autoridades Metropolitanas de Transportes

- Investimento no plano ferroviário de alta velocidade
- Construção de nova ligação - Porto - Vigo

## Reforma da Administração Pública e da Justiça

- Valorização e qualificação dos funcionários públicos
- Criação de um regime de remuneração em que se diferenciará o vencimento, premiando o bom desempenho e os objectivos atingidos
- Criação do cartão único de identificação do cidadão que concentre as funções dos actuais BI, cartão de saúde, cartão de eleitor e da segurança social.
- Fusão do livrete e do título de propriedade num documento único
- Criação da informação predial única
- Fim da necessidade das certidões dentro da administração
- Criação gradual em cada Junto de Freguesia de um posto de atendimento ao cidadão
- Julgamento em menos de 30 dias dos arguidos detidos em flagrante delito.

## Saúde

- Obrigatória a prescrição por normas genéricas, nas consulta externas, urgências hospitalares e consultórios particulares, a partir de 1 de Janeiro de 2003
- Criação de 100 farmácias sociais tuteladas por entidades sociais
- Possibilidade dos cidadãos escolherem o centro de saúde em que querem ser atendidos sem limitações geográficas
- Combate ao desperdício através do controlo

financeiro directo e do aprofundamento da responsabilização dos gestores

## Social

- Até ao final de 2002 definição do Estatutos de Regime complementares de segurança social
- Redução da base de incidência contributiva para a aplicação de taxa contributiva global para as empresas e respectivos trabalhadores que instituem regimes complementares de base profissional
- Criação de um rendimento para idosos de modo a que cada casal de idosos tenha direito pelo menos, ao correspondente ao salário mínimo nacional
- Pagamento de todas as prestações num prazo máximo de 30 dias
- Implementação em todo o território nacional de uma rede social até 2006
- Lançamento até 2003 de programas relativos ao combate à pobreza urbana e rural
- Apoio aos nossos emigrantes que vivem em situações muito difíceis, dentro das possibilidades do país, particularmente os que vivem na África do Sul ou na Venezuela

## Coesão Territorial e Ambiente

- Triplicar a recolha selectiva de embalagens de modo a que a reciclagem atinga as 600 mil toneladas
- Duplicar a valorização de matéria orgânica em unidades de compostagem
- Travar o crescimento de habitação suburbana
- Reorientar o investimento para a recuperação do parque habitacional degradado e a reutilização de fogos devolutos



# FERRO MERECE E O PAÍS PRECISA

Na passagem de testemunho, António Guterres teve palavras de grande admiração e apreço por Ferro Rodrigues, elogiando a sua capacidade política e realçando as suas qualidades humanas. "A reforma das reformas, a da Segurança Social", fica a dever-se a Ferro Rodrigues "que é o melhor primeiro-ministro que Portugal pode ter neste momento" afirmou o ex-líder do PS no início da Convenção, para depois sublinhar também que o seu nome ficará para sempre ligado à introdução no nosso país do Rendimento Mínimo Garantido, que três anos após a sua criação, se já encontra em velocidade cruzado.

António Guterres apelou também à unidade do partido em "torno daquele que hoje lidera o projecto socialista, porque o País precisa e Ferro merece".

Apego à verdade, rigor, capacidade, eficácia foram outros dos adjectivos usados por António Guterres que, relembrou ainda, o papel de Ferro Rodrigues na definição da estratégia europeia aprovada na Cimeira de Lisboa, mostrando-se convencido que o seu programa eleitoral "se inspirará numa visão humanista e não tecnocrática".



## EM DEFESA DO INTERESSE NACIONAL

O presidente do PS, Almeida Santos, não poupou elogios a António Guterres e a Ferro Rodrigues. Num longo discurso, começou por afirmar que o PS deu "aos adeptos da conquista do poder a todo o custo, uma lição de desapego à tentação de mandar. Mas, a maior lição, receberam-na os que só na ambição e na expectativa de poder são democratas".

Depois de se considerar "político em fim de ciclo", garantiu que não é fácil encontrar na crónica da ambição política "uma atitude de tanta nobreza e tanto desprendimento" como a de António Guterres, vaticinando que "Portugal e a Democracia vão voltar a precisar dele".

Sobre Ferro Rodrigues, relembrou a sua obra à frente da pastas do Trabalho, da Solidariedade e do Equipamento Social, para concluir que o novo Secretário-geral é um realizador com provas dadas e um homem que se tem pautado por valores e convicções socialistas.

Defendendo a estabilidade política, Almeida Santos afirmou que "fez bem o nosso candidato a Primeiro-ministro em ter, sem evasivas nem hipocrisias, pedido aos portugueses a maioria absoluta.



Outros que também a pediram, agora recuam. Ela será salutar." Mas, aconselha que no caso desse objectivo não ser alcançado, que não se rejeite de "antemão, e em definitivo, qualquer coligação, seja

ela qual for, que venha revelar-se coincidente com o interesse nacional".

Sobre o futuro do sistema político em Portugal, disse três vezes não à constituição de um Senado porque isso

seria duplicar o problema da representação sem o resolver, ao mesmo tempo que disse três vezes sim à descentralização ou à regionalização na justa medida em que o "progressivo distanciamento dos centros de poder exigem centros de decisão intermédios. Relativamente à limitação das recandidaturas, "duas vezes sim", e ao monopólio partidário da apresentação de candidaturas "uma vez não". Já no final da sua intervenção, Almeida Santos defendeu a diminuição do número de deputados com alteração do mapa dos círculos eleitorais e a manutenção do semi-presidencialismo. A concluir, apresentou como essencial o "espírito crítico de mais largo alcance, e de determinação mais profundamente reformista. Nesse sentido, as próprias crises podem ser criativas, e o fim dos ciclos inspirador. Que este o seja." O presidente do partido confia no nosso secretário-geral para "a lufada de ar fresco que o país e o mundo precisam" e vê nos militantes do PS os "utopistas de outras eras que empurraram o mundo para diante".

Elisa Ferreira, Mega Ferreira, Vicente Jorge Silva, Teresa Lago e os professores Walter Lemos e Maria Manuela Leitão Marques – seis independentes vindos da sociedade civil – apresentaram as suas razões para integrarem as listas do PS para as legislativas de 17 de Março.

Nota comum nas suas intervenções: o reconhecimento do PS como a única grande força política capaz de assegurar o desenvolvimento com coesão social e a recusa do regresso a um passado de economicismo sem alma e de arrogância autocrática.

# INDEPENDENTES COM O PS



Elisa Ferreira, ministra do Planeamento, fortemente aplaudida a exemplo dos outros independentes que intervieram antes do discurso de encerramento de Ferro Rodrigues, afirmou que “só um grande partido atrai, acolhe independentes e lhes entrega responsabilidades como entregou a mim”, sublinhando que seis anos depois de ter integrado as listas do PS, continua a acreditar no nosso projecto.

A governante, na sua intervenção, destacou algumas diferenças entre os projectos do PS e do PSD, a começar pela produtividade. “Falar de produtividade para o PS é a outra face da coesão, enquanto para o PSD a produtividade é a outra face da exclusão”, disse.

Para o PS, salientou, “a coesão não é assistência, é criar as condições para que todos os portugueses participem no desenvolvimento”, apontando como exemplo a aposta do Governo na ampliação da rede do ensino pré-escolar.

No final da sua intervenção, e dirigindo-se a Ferro Rodrigues, afirmou: “És o melhor para dirigir os destinos de Portugal, és competente e sério”.

O professor universitário Walter Lemos, candidato por Castelo Branco, teceu rasgados elogios ao trabalho feito no interior pelo PS, em áreas como as vias de comunicação ou a educação.

“Nunca nenhum governo como o do PS fez tanto interior do País”, disse, acrescentando que “está a nascer um País novo, com melhor acesso à ciência e educação, no fundo, com melhor qualidade de vida”.

Outra professora universitária, candidata por Coimbra, Maria Manuela Ramos, lembrou que nos últimos seis anos “melhorou muito a qualidade de vida a todos os níveis”, acrescentando que “há mais conforto, mais informação, e os cidadãos mais informados são menos permeáveis à demagogia e às profecias da desgraça”.

A docente universitária referiu que o momento “está longe de ser fácil”, mas manifestou confiança na vitória socialista, recusando um regresso ao passado, à



“arrogância autocrática de quem nunca se engana e raramente tem dúvidas”.

### Devolver à esquerda a cultura de princípios

Vicente Jorge Silva, por sua vez, salientou que aceitou fazer parte das listas do PS por “razões políticas, cívicas e afectivas”, pretendendo dar um contributo para a “renovação da esquerda democrática”.

O antigo director do “Público” considerou que a nova liderança do PS “pode devolver à esquerda a cultura de princípios, valores, causas e convicções que tanta falta lhe faz”, explicando ainda que foi bastante crítico em relação aos últimos governos do PS, por entender que “a exigência da crítica deve ser tanto maior quanto maior foi a afinidade ideológica”.

“Sou um homem livre, mas leal e transparente nos meus compromissos”, disse, garantindo que será



“exigente e incómodo”.

Vicente Jorge Silva alertou para a tentação de se procurar alibis na Comunicação Social, defendendo que “a indispensável modernização da vida política portuguesa só se fará se os partidos – e, neste caso, o PS – deixarem entrar uma lufada de ar fresco no interior poluído e tantas vezes asfixiante dos gabinetes e corredores do poder”.

Já Teresa Lago, responsável pela organização do Porto Capital da Cultura, afirmou acreditar na “capacidade dos portugueses”, acrescentando que “o que nos falta cultivar a auto-estima”, em simultâneo com a “humildade suficiente para reconhecer os erros”.

### PS está distante dos grandes interesses

Mega Ferreira, que encerrou as intervenções dos independentes, referiu que aceitou integrar as listas dos deputados do PS, em



lugar não elegível, por considerar que “o PS é o eixo fundamental das iniciativas de desenvolvimento e justiça social”, num movimento transversal da nossa sociedade “que deve privilegiar os que trabalham”.

O responsável pela sociedade parque Expo fez um balanço muito positivo da acção dos governos do PS, referindo que “o País avançou claramente na senda do progresso e do bem-estar dos cidadãos”.

“Respira-se hoje muito melhor que em 95, sem ameaças e sem exclusão”, disse, adiantando que só o PS está “distante dos grandes interesses” e tem capacidade para modernizar, longe da “crispação nervosa da direita” e do “imobilismo à esquerda”.

Segundo Mega Ferreira, “o PS pode abordar a campanha eleitoral numa clara perspectiva de vitória”, afirmando estar seguro de que Ferro Rodrigues será o próximo primeiro-ministro de Portugal.

# UNIDADE DE FERRO



**Dezenas de dirigentes socialistas desmontaram o discurso laranja, deficitário em substância, como ficou provado.**

**Os socialistas sabem que têm líder. A alma do PS reencontrou-se na figura de “um homem de projectos e de respostas” como muitos fizeram questão de frisar ao aludir à competência e determinação de Ferro. A maioria quer-se renovada, mas a marca genética do PS permanece imutável: as pessoas e as questões sociais em primeiro lugar.**

A reunião magna dos socialistas do passado sábado foi largamente participada. Cerca de nove horas de intervenção saldaram-se na aprovação do documento definidor das linhas gerais da política nacional do PS apresentado por Ferro Rodrigues – “Renovar a Maioria”. Garantida a unidade, o novo secretário-geral aproveitou a V Convenção do PS para passar diversas propostas para Portugal, tornando claras as linhas de demarcação que estarão em causa nas próximas eleições legislativas de 17 de Março.

As intervenções após o intervalo para o almoço deram o tom que se fez eco nas seguintes. Um dos primeiros oradores a subir ao palco da V Convenção socialista foi o opositor interno de Eduardo Ferro Rodrigues. Passada a disputa, Paulo Penedos manifestou total apoio ao novo líder e uma disponibilidade plena para travar a combate de Março próximo, pois, como fez questão de salientar: “Gosto tanto do PS como gosto de mim próprio”.

Outro jovem que não deixou de merecer presença foi o camarada Miguel Fontes, actual secretário de Estado da Juventude.

Fontes partilhou com a assistência a sua apropriação do designio de Ferro – “falar verdade” –, associando-o claramente a uma chamada de atenção para a urgência de uma cultura de responsabilidade.

Exorcizando o velho fantasma dos *lobbies*, Miguel Fontes assegurou que a governação socialista soube, em muitas e diversas ocasiões, dizer não aos poderes instalados,

não cedendo às pressões de grupos de interesses.

E foi precisamente em prol do futuro das jovens gerações portuguesas e a favor do interesse nacional que João Nuno Mendes, mais um jovem camarada, apelou à retoma, na próxima legislatura, da reforma da Educação, apontando igualmente para a necessidade do reposicionamento da Ciência no lugares nobres das prioridades governativas.

Na primeira vez que falou numa Convenção socialista, Nuno Mendes encorajou todos os socialistas a se assumirem “contra a preguiça e o incumprimento, em favor do mérito”.

Sobre as faladas alianças à esquerda, João Nuno Mendes mostrou-se incrédulo nas condições que o PCP apresenta para assegurar um projecto viável para Portugal, pelo que aconselhou o Partido Socialista a apresentar-se sozinho às legislativas de Março, já que faz um balanço muito positivo da actuação governativa do PS.

## **DNA socialista**

Os desafios de solidariedade e de justiça social inscrevem-se claramente nas preocupações dos jovens socialistas. Por isso, a secretária-geral da JS fez referência, na sua intervenção, à “marca do social que está no DNA do PS”. “O Partido Socialista é um partido de desafios” que não tem medo de “abraçar causas justas”, garantiu a jovem dirigente e deputada da JS.

E porque se trata de resistir e combater a despolitização da sociedade portuguesa, não só os jovens quadros do PS são convocados para a luta da renovação.

À juventude e empenho da camarada Jamila juntou-se a experiência e a dedicação de um guerreiro dos velhos tempos do PS.

Manuel Jerónimo usou da palavra para saudar as medidas implementadas por Ferro Rodrigues na pasta de Solidariedade e Segurança Social, recordando os benefícios que elas trouxeram para a terceira idade.

O popular “Manuel 25” – como é conhecido no seio da grande família socialista –, foi conciso e preciso, assegurando: “Vou fazer tudo para mobilizar os idosos para que votem Ferro Rodrigues a 17 de Março”.

## **Governámos com sobriedade e sem deslumbramentos**

O primeiro muro na mesa contra o “bota abaixo” da oposição foi dado por, José Sócrates. O ministro do Ambiente enumerou as “marcas na governação do PS”, elogiando Ferro Rodrigues e criticando o PSD por se limitar a criticar destrutivamente, sem apresentar propostas concretas.

“Nestes seis anos contribuímos para um grande desenvolvimento do Estado Social”, disse o Sócrates, acrescentando: “governámos com sobriedade e sem deslumbramentos”.

José Sócrates lembrou os empreendimentos e êxitos dos governos liderados por António

Guterres e embora ressalvasse que “ninguém tem a certeza quanto ao resultado” das próximas eleições legislativas, manifestou-se convicto em que o PS as merece ganhar”. Esta autodefesa contra todos os derrotismos foi também sublinhada pelo camarada José Lello. Uma nova atitude, uma atitude positiva foi o apelo deixado pelo actual ministro do Desporto e da Juventude na V Convenção socialista, onde também falou em “autenticidade” como marca da personalidade de Ferro Rodrigues.

Lello discursou sobretudo para criticar a postura arrogante do presidente do PSD, Durão Barroso, sustentando que “não foi ele quem ganhou as eleições autárquicas de Dezembro passado”.

Deixou ainda uma farpa ao líder laranja, num comentário às mais recentes visitas feitas por Barroso a Espanha, França e Bélgica.

“Mais importante do prestar vassalagem a líderes estrangeiros é ir ao encontro das preocupações dos portugueses”, afirmou o governante, acrescentando: “O que nos move é e será o interesse nacional”.

## **Durão Barroso é antipatriótico e irresponsável**

O líder da Oposição está a fazer “propostas antipatrióticas” e “irresponsáveis” aos cidadãos. A denúncia foi feita, sem pruridos nem falsas diplomacias por Helena Roseta. “É preciso ir buscar essa energia disponível,





não só dentro do PS, mas na sociedade”, referiu, para depois esgrimir argumentos em defesa do “respeito pelos direitos das pessoas e dos operários”. Neste sentido, Roseta insurgiu-se contra “o lobby da construção e do betão”, reconhecendo que a construção civil é um sector fundamental para muitas famílias, mas afirmando que existe promiscuidade entre a indústria da construção e o poder político. Quanto à política interna, Helena Roseta pediu a todos os militantes e simpatizantes do Partido Socialista para contribuírem para um projecto político com a sua individualidade. Contra todas as tentativas de “clonagem” do novo secretário-geral, Helena Roseta manifestou-se a favor da diversidade no partido, sem deixar de elogiar personalidade e competência de Ferro Rodrigues. Numa intervenção bastante aplaudida na Convenção Nacional do PS, a reivindicativa Helena Roseta pediu a Ferro Rodrigues que desse maior destaque e maior relevo ao papel que as mulheres desempenham na sociedade, bem como na vida política nacional.

### Os socialistas não estão derrotados

Sem esquecer que o PS perdeu efectivamente as últimas eleições autárquicas, Manuel Alegre defendeu que, “para vencer o PSD, nós temos de nos vencer a nós mesmos”.

“Os socialistas não podem interiorizar o derrotismo”, sentenciou, arrancando da plateia os aplausos inflamados e a ovação em pé a que nos tem habituado com as suas sentidas intervenções. Alegre subiu ao palanque, saudando, à partida, Ferro Rodrigues, bem como o discurso proferido pelo líder na abertura dos trabalhos, que classificou de “íntegro”. Manuel Alegre também alertou o novo secretário-geral para a necessidade de “dar uma volta ao PS (...)”, rejeitando o unanímismo e devolvendo-lhe o espírito de esquerda”. Alegre afirmou ainda que o Partido Socialista precisa de vencer “o autismo, a arrogância e a acomodação” que marcou os seus últimos anos de governo, evitando, porém, “o derrotismo” depois do desaire eleitoral nas autárquicas de Dezembro. Depois de convocar os militantes e os dirigentes socialistas à “insubmissão e rebeldia” contra os interesses instalados, o ex-deputado advogou também pela necessidade imperiosa de desenvolver “uma política de reabilitação da política”. Manuel Alegre assegurou, sem reservas, que está ao lado de Ferro Rodrigues “independentemente de estar ou não nas listas” de deputados para as próximas eleições legislativas de 17 de Março. “É preciso abrir o PS à vida e à sociedade para fora sem o afunilar para dentro”, disse Alegre,

evitando “guerras de gerações” entre os socialistas, porque o desafio que se coloca ao PS a curto prazo exige a colaboração de todos, “resistentes e combatentes”. Segundo o histórico socialista, na contenda eleitoral de Março, os portugueses vão fazer “uma escolha decisiva” entre o Estado social defendido pelo PS e o modelo” do PSD, que quer “dar a particulares” competências que fazem parte do papel do Estado. O camarada Manuel Alegre criticou fortemente o líder laranja, Durão Barroso, por andar pela Europa a “deitar foguetes antes da festa”, esquecendo que “para ser primeiro-ministro tem que ganhar as eleições”.

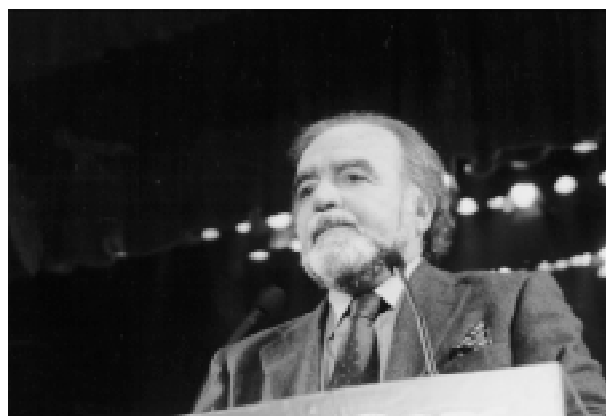
### O zigue ou o zague

“Os portugueses esperam do novo líder do PS um novo estilo audaz e concretizador”. Foi esta a mensagem deixada por Manuel Maria Carrilho na V Convenção do PS. No seu estilo provocador e polémico, o ex-ministro da Cultura de Guterres advertiu Ferro Rodrigues que não lhe bastará reconhecer os “ziguezagues” cometidos na adopção de políticas pelos governos socialistas. Sem deixar de sublinhar os méritos do novo secretário-geral do Partido Socialista, o camarada Carrilho reforçou, ao longo do seu breve discurso, a ideia da necessidade de uma aposta convicta na audácia e no pragmatismo para vencer a batalha de 17 de Março, renovar

a maioria e melhor servir Portugal. “Temos de saber escolher entre o zigue e o zague. Quem assumir com coragem os desafios que enfrenta o País, ganhará as próximas eleições legislativas”, sustentou Manuel Maria Carrilho. Carrilho não se furtou a apresentar as suas ideias sobre a aposta decisiva da nova liderança do PS: ela deve passar pela reforma das áreas da cultura, da ciência e da educação. “Essa é a convergência mais difícil para Portugal”, apontou, antes de sublinhar que “nada adianta ao País ter a maior taxa de utilizadores de telemóveis, sem tem também a maior taxa de iliteracia”.

### O “homem certo”

Ao palco da V Convenção do PS subiram também outros antigos rostos do Executivo socialista. A ex-ministra da Saúde e da Igualdade usou da palavra para denunciar as falsidades trazidas a público pela Oposição e seus “aliados de ocasião”. Sem escamotear o que correu menos bem na gestão socialista do País, Maria de Belém frisou que “os erros devem servir para retirarmos lições e não para exercermos presélias”. “Esta é a hora de, em torno do nosso secretário-geral, esquecermos o que nos divide e lembrarmos o que nos une”, apelou, assegurando de imediato que Ferro Rodrigues é o “homem certo para o projecto socialista







de sociedade". Por seu turno, o ex-secretário de Estado do Desporto secundou a premissa de Ferro, defendendo que face à abundância de demagogia "há que falar verdade, com determinação e rigor". Deste modo, acrescentou "o PS é e continuará a ser o partido da esperança para todos os portugueses".

Da Madeira, a voz de Emanuel Jardim Fernandes pôs a tónica na urgência de se "agir com determinação".

O ex-líder do PS/Madeira exortou o partido e o seu novo secretário-geral a "avançar sem hesitação" na concretização do projecto socialista.

"Revelemos o que de positivo fizemos e vamos dar novas resposta àquilo que fizemos menos bem", disse, lembrando que o Governo de António Guterres "foi o que, até hoje, melhor interpretou as autonomias".

### Contra a velha solução ultraliberal da direita

Paulo Pedrosa, na sua intervenção, começou por recordar o Portugal de 95, em pleno ocaso do cavaquismo, quando o Governo de então não cumpria leis essenciais, como as da Segurança Social e das Finanças Locais. "Portugal era um país crispado socialmente, onde se confundia autoridade do Estado com repressão", afirmou.

Depois de 95, adiantou, foram realizadas importantes reformas, como a das 40 horas, "a maior redução do tempo de trabalho", e da Segurança Social.

O actual ministro do Trabalho e da Solidariedade acusou o PSD de fazer uma oposição de "bota-abaixo", alertando ainda que a direita apenas tem para dar aos portugueses "a velha solução ultraliberal sempre à custa da coesão social".

Paulo Pedrosa referiu ainda que a privatização da Segurança Social preconizada pelo PSD acarretaria uma perda de receitas para o sistema público de cerca de 160 milhões de contos.

"O PSD está a fazer um jogo do esconde-esconde, dizendo muito pouco para procurar não perturbar ninguém", acusou o porta-voz do PS.

António Costa, coordenador do programa do Governo socialista, salientou que o PS está unido em torno do novo líder, manifestou orgulho na obra feita pelo Governo em seis anos, e anunciou as prioridades em áreas como a educação, o ambiente e as novas tecnologias.

Segundo António Costa, após a expansão da rede pré-escolar, na próxima legislatura a aposta passará pelo reforço da qualidade dos ensinos básico e secundário.

Na área do ambiente, elogiou a "determinação e coragem" do ministro do Ambiente, José Sócrates, por se ter mantido firme em defesa

da co-incineração e por ter acabado com as lixeiras a céu aberto "deixadas pelos governos do PSD".

Ainda no domínio do ambiente, afirmou que no futuro a nova aposta passa pela redução dos resíduos industriais e domésticos, e na área das novas tecnologias, disse que o PS orgulha-se do lançamento das Lojas do Cidadão e do impulso dado à Sociedade da Informação, anunciando que o novo desafio do PS, no prazo de uma legislatura, é proporcionar aos portugueses a possibilidade de tratarem de todas as questões burocráticas por computador.

O ministro da Justiça referiu depois diferenças entre o PS e o PSD, designadamente na área da Administração Pública.

"Para o PSD, a reforma da Administração Pública passa pelo despedimento de 150 mil funcionários, enquanto o PS quer que a reforma se faça não por despedimentos, mas pela eliminação de actos inúteis, servindo assim melhor os contribuintes", sustentou.

O ex-ministro Jorge Coelho começou a sua intervenção afirmando que tem "um grande orgulho no que foi feito pelo Governo" e lançou de imediato um veemente apelo à mobilização dos militantes para eleger Ferro Rodrigues primeiro-ministro.

"Começa aqui uma resposta clara para ganhar e fazer de Ferro Rodrigues o primeiro-ministro de Portugal", disse Jorge Coelho, desafiando o partido, "habituação a lutar", a "dar tudo"

para conseguir ganhar as legislativas de Março. Para quem "procura dizer que não há diferenças" entre PS e PSD, Jorge Coelho apontou o emprego, a segurança social, o emprego e a saúde como áreas onde o PS foi responsável por profundas melhorias e que podem ser postas em causa com as propostas de cariz neoliberal do PSD.

Referindo que para os socialistas a competitividade da economia não significa abdicar da coesão social, Jorge Coelho sublinhou que "o neoliberalismo tem sido um fracasso em todo o mundo".

Jaime Gama subiu à tribuna para salientar "a notável acção de civismo" que foi a Convenção Nacional.

O actual ministro dos Negócios Estrangeiros sublinhou que os governos do PS colocaram Portugal no pelotão da frente da moeda única, aumentaram o peso das despesas sociais no investimento público, lançaram o projecto do Alqueva, entre outras realizações.

No plano externo, destacou a presença de Portugal no centro das operações de paz da ONU e o contributo para a independência e reconstrução de Timor-Leste.

### Socialistas estão mobilizados

António José Seguro, na sua intervenção, referiu que os socialistas encaram as próximas eleições com a humildade de "quem aprendeu com os próprios erros", em contraste com a





arrogância do PSD. E deixou um aviso: "Desenganam-se aqueles que acham que os socialistas atiraram a toalha ao chão", acrescentando que "enquanto houver exclusão há razão para o nosso projecto".

O actual ministro adjunto do primeiro-ministro referiu que os seis anos de governação do PS foram mais profícuos que os 10 anos de governos laranja, e defendeu que na campanha eleitoral "temos de falar verdade e ser rigorosos. A propósito desmontou a falta de seriedade dos dois cartazes manipuladores do PSD.

"Será que o Dr. Durão esqueceu-se do período (90-95) em que Portugal decresceu?", perguntou.

Referindo que "seriedade é não mentir aos portugueses", Seguro lembrou que "Portugal cresceu mais que a média europeia".

"Que confiança podem ter os portugueses em Durão Barroso cuja única proposta é a privatização da caixa Geral de Depósitos", perguntou.

Segundo António José Seguro, "temos de falar durante a campanha do futuro, num projecto

de esperança, em que Portugal seja um país de inclusão, e que cresça sem exclusão".

O ex-ministro Pina Moura, que fez uma intervenção centrada nos aspectos económicos e financeiros da acção do Governo, salientou que "nos últimos seis anos nunca nos deixámos de aproximar da Europa".

Pina Moura sustentou que a produtividade e as finanças públicas devem assentar em bases mais sólidas e referiu que a actual conjuntura económica é das "mais complexas dos últimos 20 anos".

Para Pina Moura, só um Governo do PS estará em condições de levar a cabo um projecto de ajustamento da nossa economia com coesão social.

"Temos um objectivo: tornar Portugal ainda mais europeu, mais solidário e com mais coesão social", disse.

A antiga ministra do Trabalho Maria João Rodrigues sustentou que "tem de haver uma política mais ambiciosa para o reforço da nossa competitividade", ou seja, prosseguir ainda com mais afinco "a aposta na qualificação das pessoas e das empresas" que tem sido levada

a cabo pelos governos do PS.

Maria João Rodrigues referiu ainda que a moção de Ferro Rodrigues contém "um projecto ambicioso de modernização económica e social".

#### PS discute ideias e PSD discute lugares

Particularmente duro para com o PSD foi Narciso Miranda. "Enquanto nós estamos aqui na Convenção a discutir ideias e soluções para o País, o PSD anda a discutir lugares", afirmou. O líder do PS/Porto manifestou "orgulho no trabalho dos governos do PS" e lembrou que há seis anos "havia desemprego, a economia estava parada e o poder local estava neutralizado".

Carlos Zorrinho, que apontou a Cimeira de Lisboa e o euro como dois acontecimentos marcantes, reconheceu que os socialistas, por vezes, "foram melhor a pensar do que a concretizar".

Para o próximo acto eleitoral, Zorrinho considerou que os portugueses terão de escolher entre "renovar com o PS" ou "voltar

atrás com o PSD".

A saúde foi, naturalmente, o tema dominante da intervenção de Correia de Campos, que falou dos progressos registados na saúde e do muito que pretende fazer para melhorar esta área, como a abertura de cem farmácias sociais até à construção de mais hospitais e centros de saúde, bem como da sua determinação em prevenir fraudes.

Correia de Campos alertou ainda que o CDS/PP pretende "privatizar o Serviços Nacional de Saúde (SNS)", enquanto "o PSD quer abraçar o SNS para o desmantelar".

#### Governo de sensibilidade social

Já João Preença, que começou a sua intervenção rebuscando a velha frase mobilizadora "Quanto mais a luta aquece, mais força tem o PS", referiu que o PS deve estar "orgulhoso da sua governação".

"Queremos um governo de sensibilidade social (PS) e não um governo que só fala em mercado e privatizações (PSD)", disse.

Carlos César teceu rasgados elogios aos governos de António Guterres, afirmando que "Portugal progrediu e as famílias viram a sua situação melhorada".

O chefe do Governo Regional dos Açores defendeu uma maioria socialista nas eleições legislativas "para dar mais qualidade à vida política e se avançar nas reformas da saúde e educação".

Medeiros Ferreira considerou que "o PS pode e deve continuar a governar Portugal pela esperança que representa para largos sectores da nossa sociedade, em especial os mais desfavorecidos", acrescentando ser necessário "um novo impulso reformador com políticas sociais firmes nas áreas da saúde e da reforma fiscal".

Paulo Pisco, que centrou a sua intervenção no muito que foi feito pelos governos socialistas nas comunidades portuguesas, onde se partiu do zero absoluto dos tempos do PSD, afirmou que "o PS merece ganhar as próximas eleições pela obra feita e pela humildade democrática".

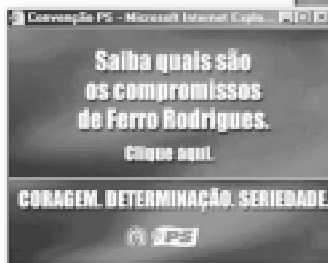
Maria do Carmo Romão, que fechou as intervenções dos militantes na Convenção Nacional, abordou a temática da igualdade de direitos entre homens e mulheres, lembrando que "o PS foi o primeiro a introduzir a igualdade de direitos na sua prática e ideário".



**www.ps.pt é o novo site do PS – lançado na Convenção Nacional – que permitirá acompanhar exaustivamente, através de um vasto conjunto de informações, todo o período de campanha até às eleições legislativas de 17 de Março.**

**WWW.PS.PT**

# O NOVO SITE DO PS

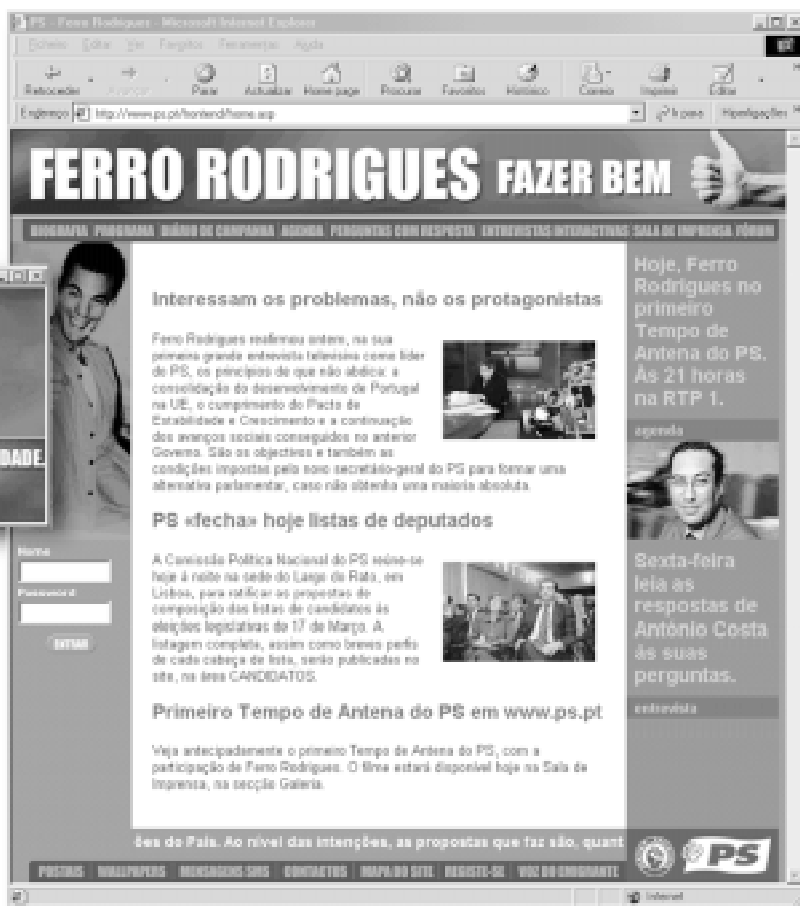


Segundo explicou o secretário nacional António Galamba, numa conferência de Imprensa no Largo do Rato, o novo site pretende dar “um contributo para que a campanha eleitoral das legislativas tenha uma mais forte componente ao nível da informação”. Pensado para servir de apoio ao trabalho da Comunicação Social e para contribuir para uma maior interacção entre eleitores e candidatos, o novo site inclui muitos “aspectos inovadores” como wallpapers e postais alusivos à campanha, mensagens SMS (texto, imagens e sons) para enviar aos amigos, entrevistas, um fórum semanal e uma sala de imprensa.

Na sala de imprensa, os jornalistas poderão acompanhar todo o noticiário de campanha, aceder aos comunicados oficiais da candidatura de Ferro Rodrigues, a uma revista de imprensa (actualizada diariamente, com notícias do PS na Comunicação Social) e ainda a uma vasta galeria de imagens (fotos da campanha e do candidato), sons e pequenas passagens de vídeo, prontas para transmissão. Ainda na sala de imprensa, os profissionais da Comunicação Social poderão encontrar uma lista de contactos úteis para apoio ao trabalho de acompanhamento da campanha (membros do Gabinete de Imprensa, por exemplo), assim como algumas sugestões de *links* que poderão ajudar na investigação e esclarecimento de dúvidas.

### Entrevistas interactivas

O site terá uma forte componente interactiva, onde os cidadãos poderão colocar perguntas ao candidato. De destacar ainda a iniciativa “entrevistas interactivas”, publicadas todas as



sextas-feiras, que terá como primeiro convidado, amanhã, o camarada António Costa, membro da Comissão Permanente e responsável pela preparação do programa de Governo.

O site tem também uma biografia do novo secretário-geral do PS, Ferro Rodrigues, profusamente ilustrada com fotografias, algumas delas inéditas, discursos e entrevistas já dadas pelo líder.

No período de campanha eleitoral, a direcção do PS vai disponibilizar uma agenda pormenorizada das actividades de campanha, incluindo comícios, discursos e fotografias, contactos com a população, tempos de antena, debates, citações, entre outros eventos, materiais que, segundo António Galamba, “poderão ser extremamente úteis para os órgãos de Comunicação Social que optarem por não acompanhar no terreno as acções de

campanha”. O site terá ainda um link intitulado “apoio do dia”, onde serão apresentados nomes de cidadãos independentes, com relevância a nível nacional, que decidiram apoiar a candidatura de Ferro Rodrigues ao cargo de primeiro-ministro.

Para os emigrantes, uma parte do eleitorado muitas vezes esquecida, o site também lhes destina um espaço especial, “Voz do Emigrante”, onde estes cidadãos podem obter informação sobre como poderão exercer o seu direito de voto ou contactar os candidatos socialistas pelos respectivos círculos eleitorais. Todas as perguntas serão respondidas.

O site estará “on-line”, actualizado, até ao dia 23 de Março, dando depois de novo lugar à página do Partido Socialista.

J. C. CASTELO BRANCO



# A HONRA DE SER SOCIALISTA

Um cachecol vermelho da JS à volta do pescoço, sorriso rasgado na boca, Vasco Vilela diz, a quem o quiser ouvir, que o Partido Socialista está inscrito no seu código genético. “Não me imagino a não ser militante do PS. Ser socialista faz parte de mim”, assume com a convicção que construiu ao longo de seis anos de militância activa na Juventude Socialista. Um jovem com fé e vontade de ferro.



A sua ficha de adesão à Juventude Socialista data de 1995. Sem ser insólita a ocorrência é, porém, notável, pois Vasco Vilela integrou o sector jovem da família do PS aos 14 anos. Este camarada, que desde cedo tem participado dinamicamente nas actividades políticas do Partido, faz questão de frisar que não se limita a “militar só por militar”. Diz sentir-se em casa no PS e na JS e que por concordar com os princípios e valores do socialismo democrático não teve dúvidas em aderir à vasta família socialista. A inscrição na Juventude Socialista foi “felizmente aceite” pelos pais e amigos, aos quais também deve a sua proximidade ao Partido, ressalvando, contudo, que nunca foi “pressionado a entrar” e que assinou a ficha por vontade própria e não por uma questão de “Maria vai com as outras”. Sem pretensões a um precoce despertar da consciência política, Vasco sublinha que o facto do pai pertencer ao Partido Socialista e a mãe ser uma “mulher assumidamente de esquerda” o ajudaram a permanecer sempre informado e actualizado, interessado nas notícias, conduzindo-o a desenvolver uma opinião crítica sobre a questão política.

## O privilégio de dar

“Ser militante do PS, para mim, neste momento, mais do que tudo é uma honra”, afirma, categórico, o jovem camarada, que aos 20 anos frequenta um curso superior de Economia, mas que apesar da agenda académica encontra sempre tempo para a militância. Estar disponível para trabalhar, colaborar e pensar, tornando eficaz o espírito de missão que implica ser socialista é a definição de militante que Vasco Vilela esgrimiu sem hesitar, confessando que se trata de uma “uma grande responsabilidade”. “É uma responsabilidade que aceitei com

orgulho e que tentarei honrar sempre com a minha participação dentro do PS”, garante. E porque tudo é mais fácil em teoria, Vasco cita alguns exemplos práticos da sua militância. Sou militante da JS há seis anos. Desde 1995 já fiz parte de secretariados do núcleo da Juventude Socialista, tendo integrado depois o secretariado federativo da JS/Ribatejo. Mais recentemente foi convidado por Jamila Madeira para fazer parte da equipa do Secretariado Nacional da “jota”, convite que aceitou e que qualifica como sendo “um grande desafio” para alguém que provavelmente tinha crescido muito rapidamente”.

No plano pessoal e profissional, o jovem camarada assegura que o Partido Socialista o ajudou a crescer e a evoluir.

“Eu diria que antes de estar nestas coisas da política tinha, porventura, outros objectivos. Se calhar sonhava ser polícia ou bombeiro, como a maior parte dos meninos. Porém, a política e toda esta envolvimento nacional levome a pensar de outra forma. A pensar que de facto há profissões que mudam o destino das pessoas”, diz a modo de confissão, porque afirma ter consciência de que não é só com militância partidária que se consegue mudar o rumo do País.

Quando confrontado com a alegado desinteresse dos jovens pela política, Vasco discorda e garante que não são os jovens que se afastam do universo político. “São antes os políticos que se afastam dos jovens”, pelo que assume a tarefa de fazer com que o Partido nunca descuide a importância da juventude. “Muitas vezes lembramo-nos dos jovens quando

vemos que esse eleitorado nos foge. Penso que este não é o objectivo”, observa o jovem socialista, alegando que a meta deve ser a definição uma política nacional para a juventude, que não se deixe intimidar perante uma alegada apatia dos jovens face à política. “Temos de ir ao encontro juvenil, trazê-los connosco. Embora considere fundamental focalizarmos a campanha para o eleitorado em geral, devemos ter especial atenção pelos jovens, porque eles serão o futuro do PS e do País”, aconselhou.

## Referências

Quanto aos seis anos de Governo do PS, Vasco Vilela fala de “vitórias claras na política de juventude” e remete para a recente aprovação da lei do associativismo e para o esforço feito pelo IPJ em prol do alargamento dos subsídios às associações juvenis. Referiu ainda desafios como o Euro-2004 e a preservação ambiental, explicando que, sendo claras conquistas para os portugueses em geral, não deixam de ser “obviamente” um “impacto decisivo na população mais jovem em particular”.

Na opinião de Vasco Vilela, o projecto socialista para a sociedade portuguesa não se prende apenas ao imediato eleitoralista. “Pensar no Portugal do amanhã é pensar, hoje, nos jovens”. Questionado sobre as suas referências políticas, Vasco não tem dúvidas em nomear dois mitos do PS: Mário Soares e António Guterres.

Nos tempos que correm, o jovem fala de António Vitorino, Ferro Rodrigues e António José

## Perfil

Nome	Vasco Vilela
Idade	20 anos
Ocupação	Estudante de Economia
Militância	Na JS desde 1995 e há cerca de um ano no PS

Seguro, pessoas e políticos pelos quais nutre uma evidente admiração, não abdicando do optimismo de quem confia na vitória do líder socialista nas próximas eleições legislativas.

## Força de Ferro

“Estou convicto de que o PS, no clima de união conseguido, tem todas as condições para ganhar em Março”, argumenta, mostrando como prova a última Convenção, onde “a força genuína do Partido Socialista se fez sentir”. “Ganhar as eleições não é uma necessidade do PS, mas sim do País. É necessário prosseguir com as políticas de desenvolvimento nacional que o Governo socialista soube implementar”. O jovem militante aposta forte e firme na certeza de que “os jovens portugueses sabem que Ferro Rodrigues fala verdade, sabem que Ferro não se esquecerá deles e que os acarinhará através de boas políticas de juventude”. Por isso, o PS e seu líder contam com a militância de Vasco Vilela para a contenda eleitoral de 17 de Março. Vasco está pronto a participar na campanha de Norte a Sul do País, como sempre, com força de ferro.

MARY RODRIGUES

AMBIENTE

# CINCO ANOS ÍMPARES



Cinco anos, 187 milhões de contos, muita firmeza e determinação foram suficientes para encerrar o capítulo das lixeiras a céu aberto em Portugal.

Com a inauguração, no dia 28, do aterro sanitário de Évora, o País passou a tratar a totalidade dos seus resíduos sólidos urbanos. O ministro do Ambiente, José Sócrates, não hesita em qualificar o feito de “revolução”, assegurando que “em nenhum outro país houve uma evolução tão rápida como a que se deu em Portugal”.

“Deixámos de ser um país de lixeiras” e “em apenas cinco anos passámos de 26 por cento de tratamento adequado dos resíduos sólidos urbanos para 100 por cento”, declarou Sócrates, frisando ainda que, pela primeira vez, Portugal atingiu um indicador ambiental próprio de um país de Primeiro Mundo.

Uma política de tratamento de resíduos clara, um esforço de cooperação com o poder local e uma estratégia firme que não cedeu a pressões nem recuou perante populismo, foram os trunfos apontados por José Sócrates, os

“segredos” do sucesso do PERSU.

O titular da pasta do Ambiente não escondeu a natural satisfação pela obra – bem – feita, observou, que chegar ao final de 2001 com cerca de 200 mil toneladas de lixos reciclados, o feito merece o aplauso nacional, pois há seis anos atrás apenas se reciclavam 28 toneladas.

## Évora fecha com chave d’ouro

O primeiro-ministro e o ministro do Ambiente inauguraram, segunda-feira, o aterro sanitário

intermunicipal de Évora, um equipamento que constitui o centro do sistema de tratamento de resíduos sólidos a nível distrital, servindo 12 concelhos.

O equipamento compreende quatro estações de transferência, sete ecocentros, mais de 400 ecopontos, e um centro de triagem, a construir junto do aterro de Évora.

Recorde-se que até agora, 22 lixeiras (11 das quais concelhias) recebiam o lixo dos 12 municípios. A partir desta semana, os resíduos sólidos urbanos serão recolhidos nessas mesmas localidades por viaturas que farão o transporte diário para quatro estações de transferência, que se encontram em fase de construção em Borba, Montemor-o-Novo, Mora e Reguengos de Monsaraz. Depois, o lixo será transportado e compactado no aterro sanitário. Ao mesmo tempo, procede-se ao tratamento dos resíduos recicláveis, processo que começará nos ecopontos.

Sete ecocentros assumirão a recolha de volumes maiores de detritos industriais.

Os resíduos gerados a partir da recolha selectiva nos ecopontos e ecocentros serão concentrados no centro de triagem e depois separados e enviados para as indústrias de reciclagem.

MARY RODRIGUES

## HISTÓRIA DE MAIS UM SUCESSO

Quando, em 1997, o Plano Estratégico dos Resíduos Sólidos Urbanos (PERSU) foi lançado, o então secretário de Estado do Ambiente, José Sócrates, apenas existia o edifício jurídico para as questões ambientais, mas faltava fazer tudo o resto.

Apostado na erradicação de todas as lixeiras e na construção de uma rede nacional de aterros até ao ano 2000, o agora ministro do Ambiente pôs mãos à obra, e no cenário caótico pôs ordem e deixou marca.

No final de 1996 havia 341 lixeiras a céu aberto, 13 aterros sanitários – muito embora não passassem, na sua esmagadora maioria, de meros locais de depósitos de resíduos –, e cinco estações de compostagem.

Dois anos mais tarde, Sócrates dilatou prazo das suas promessas para 2001, porque fazer depressa não é fazer melhor.

Desde então, foram construídas duas incineradoras (Lipor e Valorsul), 35 novos aterros, tendo sido requalificados dois existentes, criados 30 sistemas multimunicipais de gestão de resíduos sólidos urbanos, seladas 243 lixeiras e desactivadas 98, estando em curso a sua selagem.

Na passada segunda-feira, dia 28, exactamente cinco anos e 28 dias após o empreendimento do PERSU, o processo de despolição nacional é um facto. Com a entrada em funcionamento do sistema intermunicipal de resíduos sólidos de Évora, as últimas lixeiras activas no País foram definitivamente encerradas. A céu aberto a concretização de mais uma promessa socialista.

M.R.

## MUDAM-SE OS TEMPOS E AS MENTALIDADES

A revolução operada pela gestão socialista do ambiente nacional teve impacto não só na paisagem de Portugal, mas no comportamento da maioria dos portugueses. Operou-se, desta forma, uma autêntica mutação de mentalidade, passando-se da apatia irresponsável para a consciencialização participativa dos cidadãos.

Assim, o ano passado, o País separou mais 20 mil toneladas de embalagens para reciclagem do que em 2000, no total de 111 mil toneladas, segundo dados fornecidos pela Sociedade Ponto Verde.

O total de recolhas atinge as 174 mil toneladas, num aumento de 69 por cento face ao ano anterior, se contarmos com as embalagens dos operadores (indústria e distribuição).

M.R.

## OBRA EM NÚMEROS

<b>Lixeiras</b>	
Encerradas .....	243
Desactivadas/em obra .....	98

<b>Estações de compostagem</b>	
Em exploração .....	5
Em obra .....	1
Prevista .....	1

<b>Estações de Transferências de resíduos</b>	
Em exploração .....	54
Em obra .....	16
Previstas .....	7

<b>Estações de triagem de resíduos</b>	
Em exploração .....	18
Em obra .....	5
Previstas .....	6

<b>Ecocentros</b>	
Em exploração .....	133
Em obra .....	17
Previstos .....	42

<b>Ecopontos</b>	
Em exploração .....	13.492
Previstos .....	5.506

FONTE: MINISTÉRIO DO AMBIENTE E ORDENAMENTO DO TERRITÓRIO

**A eurodeputada socialista Maria Carrilho quer um modelo de cooperação descentralizada nas relações da União Europeia com os países mais desfavorecidos da África, América Latina e Ásia.**

**UE/ÁFRICA**

## MARIA CARRILHO QUER COOPERAÇÃO DESCENTRALIZADA

«A política de cooperação e desenvolvimento tornou-se, sobretudo depois dos acontecimentos de 11 de Setembro, num elemento de grande peso no relacionamento da UE com o resto do mundo», afirmou na semana passada a eurodeputada, ao apresentar, no Parlamento Europeu (PE), o relatório de que é autora sobre a política de cooperação e descentralização da União Europeia. Maria Carrilho sublinhou a necessidade de as instituições europeias passarem a encarar a vertente da cooperação como «uma modalidade mutuamente vantajosa para a UE e os países mais desfavorecidos». É que, advertiu Maria Carrilho, «a Europa parece encarar a sua política de cooperação para o desenvolvimento mais como uma obrigação ditada pela má consciência resultante do seu passado colonial, do que como uma modalidade mutuamente vantajosa». A eurodeputada considera que «o desenvolvimento económico, político e social constitui a única forma segura de evitar conflitos e viver em paz – condição importante também para as trocas comerciais». Daí que as



vantagens tenham que ser visivelmente recíprocas. Até agora, recorde-se, a cooperação da UE com o resto do mundo tem ficado circunscrita ao

quadro da Convenção de Lomé e desde que o conceito de cooperação descentralizada ou cooperação participativa foi timidamente introduzido em 1989, os passos têm sido lentos. Só em 1992 é que Bruxelas criou para este efeito uma rubrica orçamental especial, até que em 1999 surge do Conselho um primeiro regulamento relativo à cooperação descentralizada. Cerca de 12,5 milhões de euros estão disponíveis para a cooperação em 2002 e 2003 (a dotação financeira para o período total de 1999 até 2003 é de 24 milhões de euros). Se o conceito de cooperação descentralizada virar como opção estratégica, o montante poderá quadruplicar.

### Cooperação alargada a associações culturais

Nos termos do regulamento sobre cooperação descentralizada em vigor desde 1999, podem beneficiar de apoio financeiro para cooperação descentralizada entidades públicas locais (autarquias, por exemplo), ONG, associações profissionais e grupos de iniciativa locais,

cooperativas, sindicatos, organizações de mulheres ou de jovens, estabelecimentos de ensino ou de investigação e igrejas. Maria Carrilho propõe que se alargue o apoio para as associações culturais e lembra que o Acordo de Cotonou estabelece que «a contribuição da sociedade civil para o desenvolvimento pode ser realçada através do reforço das comunidades locais e de organizações não governamentais e sem fins lucrativos em todas as esferas da cooperação». Para além da actualização do regulamento de 1999, Maria Carrilho quer que a Comissão leve em consideração o Acordo de Cotonou, assinado em Junho de 2000, entre a UE e o conjunto de países em desenvolvimento da África, América Latina e Ásia, nomeadamente no âmbito da assistência financeira e técnica e da cooperação económica. Depois de períodos de avanços e recuos, a Comissão Europeia reconhece que a cooperação descentralizada – após os acontecimentos de 11 de Setembro – terá de «passar de uma fase experimental para uma fase de consolidação do conceito a uma maior escala no âmbito da cooperação oficial».

**POLÍTICA COMUM DE ASILO**

## LUÍS MARINHO ELABORA RELATÓRIO



Luís Marinho é o autor de um relatório do PE sobre política comum de asilo na União Europeia.

O eurodeputado socialista tem a responsabilidade de enformar a opinião do PE sobre o acto comunitário que irá substituir a Convenção de Dublin de 1997, instrumento que até agora servia para determinar qual o país da União competente para a análise de um pedido de asilo apresentado por um nacional de um país terceiro.

O regulamento em causa irá suprir as lacunas registadas na Convenção, e passará a estar sujeito à interpretação do Tribunal das Comunidades e ao controlo da Comissão Europeia.

Com esta transformação, que se insere no conjunto de propostas para a área do asilo e imigração anunciadas pelo comissário António Vitorino, concretiza-se mais um importante passo com vista à realização de um espaço europeu de liberdade, segurança e justiça.

No seu relatório, Luís Marinho sublinha a necessidade de haver uma uniformização europeia ao nível do procedimento comum de asilo, por forma a garantir que todo e qualquer pedido apresentado no território da União seja

de facto objecto de análise, e a evitar que, na sequência da apresentação de pedidos múltiplos, tenham lugar, em vários países da UE, processos de asilo paralelos.

A apresentação do relatório do eurodeputado socialista terá lugar em Março, na próxima reunião da Comissão das Liberdades do PE, prevendo-se que o documento seja apreciado na sessão plenária de Estrasburgo de Março.

**FRANÇA**

## SOCIALISTAS APROVAM CANDIDATURA DE JOSPIN AO ELISEU

**Os socialistas franceses, reunidos em Convenção no passado fim-de-semana, escolheram Lionel Jospin como o seu candidato às eleições presidenciais em Abril e aprovaram um projecto de sociedade como estandarte para as legislativas do país em Junho, onde a prioridade continua a ser “um emprego para todos”.**

A Convenção Nacional do PS francês que decorreu em Paris, ratificou o voto dos militantes do partido que se pronunciaram a 93,53 por cento a favor do texto preparado pela antiga ministra do Emprego e da Solidariedade Martine Aubry, actualmente presidente da autarquia de Lille, Norte de França.

Martine Aubry quebrou um certo tabu relativamente à candidatura de Lionel Jospin à eleição presidencial, cuja primeira volta terá lugar no dia 21 de Abril.

A dirigente socialista anunciou que, “dentro de alguns dias, com o nosso projecto vamos fazer parte da batalha, ao lado de Lionel Jospin, para a eleição presidencial”.

Os manifestos do PSF para as eleições presidenciais e legislativas, pretendem ser um “projecto de sociedade para os próximos dez

anos”, onde a prioridade, à semelhança de 1997, continua a ser a luta por “um emprego para todos”.

No capítulo do emprego, os socialistas defendem a generalização das 35 horas semanais, a criação anual de 200 mil empresas, lutar contra o trabalho precário, e instituir um “contrato social de trabalho” para os desempregados com mais de 50 anos.

Para os jovens, com idades compreendidas entre os 18 e 25 anos, o projecto socialista propõe um “pacto de confiança com a juventude”, através de um contrato de autonomia, nomeadamente, com a atribuição de um subsídio individual.

A manutenção dos serviços públicos é defendida pelos socialistas franceses: “O Estado e os serviços públicos têm um papel fundamental para corrigir as desigualdades e melhorar a vida quotidiana”, refere o texto.

O projecto socialista dá uma particular atenção à luta contra a insegurança, propondo “uma mobilização geral contra a insegurança”, e um reforço do enquadramento dos menores delinquentes.

No capítulo da Europa, os socialistas franceses pronunciaram-se a favor de uma Constituição Europeia, generalizando a maioria qualificada no processo de decisão comunitária, reforçando cada componente do triângulo institucional, ou seja, a Comissão, o Conselho e Parlamento Europeus.

# AI SE FOSSE O PS...

As últimas semanas evidenciaram um conjunto de sinais que ainda não foram sancionados pela sociedade portuguesa apesar de reflectirem estranhas formas de fazer política e entendimentos distorcidos do nosso País. Senão, vejamos...

**A arrogância de Santana.** O novo presidente da Câmara Municipal de Lisboa, na ânsia de mostrar serviço, iniciou o seu mandato com uma cruzada contra os cartazes e as estruturas que os partidos mantiveram após as eleições autárquicas. Insensível à conjuntura política, marcada pelas eleições de 17 de Março; ignorando a protecção da Constituição ao exercício da liberdade de propaganda política, Santana Lopes notificou os partidos a retirarem as estruturas num prazo de 48 horas. Antes de pedir aos serviços que notificassem os partidos, combinou com o PSD a forma de salvaguardar os altos interesses partidários. Apesar de reafirmar o interesse em manter as estruturas para a campanha das legislativas, o PS voltou a ser notificado. A fúria "santanista" em resolver este problema central de Lisboa, impossibilitou a constatação que os cartazes do PS "desabafavam" "Chega de bota abaixo". Subsiste, no entanto, uma curiosa situação, se os cartazes dos partidos/coligações com temas autárquicos tinham de ser removidos, por que razão persistem à fúria e à arrogância do Sr. presidente de Câmara, os cubos que a sua candidatura colocou a anunciar um túnel nas Amoreiras. Será que há propaganda de segunda - a dos outros - e propaganda de primeira - a da sua candidatura. Utilizando um provérbio que muito gosta, usou-o na Convenção de Coimbra, "Bem prega Frei Tomás, faz o que ele diz, não faças o que ele faz".

**O rapto de Barroso e a criação do Senado.** A suspeita existe, Durão Barroso poderá ser raptado pela equipa de "marketing político" do PSD. Após o fracassado anúncio da privatização da Caixa Geral de Depósitos e do respectivo recuo; depois do anúncio da proposta de extinção dos governadores civis e da correspondente centralização no Terreiro do Paço das suas funções; seguido da defesa da diminuição do número de deputados e da compensação com a criação de um Senado, que custaria mais ao erário público do que o número de deputados reduzido; o líder do PSD poderá ter sido remetido a uma nova forma de intervenção política: a intervenção fotográfica. O ideal é que fale o menos possível, seja fotografado junto de líderes europeus influentes e mostre umas caras novas susceptíveis de participarem num hipotético Governo PSD. O segundo, desde 1999, sim porque o Governo sombra do PSD, nunca viu o Sol e foi recentemente demitido. Por estas e por outras, Ferro Rodrigues corre o risco de debater com um homem que dirá nada poder prometer, com nada se poder comprometer, quando o que está em causa é o receio de dizer algo que motive o rapto para mais uma actualização de estratégia.

**O Director Luís Delgado.** Firme e hirto, como uma barra de ferro, o columnista fixo da página 2 do DN conseguiu os seus mais íntimos intentos. Não, não, o PS não perdeu as eleições legislativas, nem os socialistas se vergam a qualquer adversidade destinada a favorecer o PSD. O tal columnista conseguiu suscitar uma campanha do PSD de resposta aos cartazes do PS, disse "amanhã, aparece o PSD, também com uma excelente equipa de "marketing" e um cartaz que bem poderia dizer: chega de conversa fiada. Portugal merece melhor". Inspirou, mas motivou uma resposta laranja marcada pela verdadeira conversa fiada. Imagine-se que o PSD esqueceu-se de mencionar o crescimento económico de Portugal no período dos seus Governos e omitiu que, com o PS, Portugal cresceu acima da média europeia. Para início de funções como director de Comunicação

não está mal. Muitas colunas depois, a expressão do "adonis inspirador" apenas valeu uns cartazes que faltam à verdade, numa antevisão da campanha que a Direita e o Centro-Direita querem para as eleições de 17 de Março. Os fins justificarão todos os meios. Talvez por isso, Santana Lopes na euforia da festa antes de tempo que decorreu no Pavilhão da Briosia, tenha mentido descaradamente ao afirmar que "Ferro Rodrigues há anos no Equipamento Social não tinha conseguido adjudicar a Auto-Estrada do Litoral". Quando os meses são transformados anos, algo vai mesmo mal.



ANTÓNIO GALAMBA

**O País de Belmiro.** Sempre acutilante na forma e no conteúdo das referências ao poder político, ao Governo e ao poder do "Terreiro do Paço", confesso que sempre me intrigaram as razões, certamente existentes, pelas quais para o Patrão da Sonae há Portugueses de Primeira e Portugueses de Segunda. A questão até pode ser considerada menor, mas o que está em causa é o princípio. Porque razão os cidadãos que se deslocam ao centros comerciais da Sonae na Grande Lisboa têm de suportar um custo de estacionamento para usufruir do privilégio de estar numa catedral de consumo e os mesmos cidadãos, se viverem no Grande Porto, estão isentos do pagamento de qualquer tarifa? E não contente com esta discriminação, os parques a Sul sofreram aumentos de cerca de 50 por cento. Deve ter sido com base neste alto critério de justiça, que Belmiro de Azevedo ameaçou "urbi et orbi" uma fuga para Holanda quando o PS aprovou a Reforma Fiscal. Bom, bom, é que alguns paguem quase tudo e outros não paguem nada.

**A campanha laranja da Galp-Energia.** Imaginem que a Galp-Energia mexia na imagem, pela segunda vez, no espaço de uma legislatura e que lançava uma campanha cor-de-rosa ou magenta em que enunciava as frases "energia positiva" ou "nova energia positiva em 2002". Imaginem que estávamos em fase de pré-campanha eleitoral, que o PS utilizava tonalidades cor de rosa ou magenta claramente associada ao Partido. Imaginem que essa campanha tinha meios de suporte publicitários invulgares e que a ela estaria associada, em Espanha, a figura do melhor e mais conhecido jogador de futebol de nacionalidade português. Como imaginam, caía o Carmo e a Trindade. Mas não imaginem, a campanha existe, só que a cor é laranja. O mesmo laranja dos cartazes do PSD, só que colocado nas paragens de autocarro, ao virar de cada esquina, ao alcance de qualquer olhar. Parabéns, Galp-Energia, uma campanha que mexe com o Povo.

É perante este quadro, que apetece exclamar, ai se fosse com o PS!



## CORDELINHOS

- Zé Manel, Zé Manel, tu deixa-te de renovações...
  - Pronto, Ferreira do Amaral, Eurico de Melo e agora a Maria Elis...
  - Zé Manel, Zé Manel...
  - Pronto, vou meter o Dias Loureiro, Leonor Beleza e agora a Maria E...
  - Zé Manel, Zé Manel, olha que eu...
  - Pronto! Pronto cá vai a Manuela Ferreira Leite, Vasco Valdez e agora a Mari...
  - Zé Manel, Zé Manel, olha que eu embaraço-te todo!!!
- Dei-te muita corda e viu-se aquela bronca da privatização da Caixa!!! Já não me voltas a enganar!!! Vá, mete lá na lista mais o Álvaro Barreto, a Teresa Patrício Gouveia, a Eduarda Azevedo, o...

FOTOMONTAGEM DE ANTÓNIO COLAÇO, A PARTIR DE FOTOGRAFIA DE LUÍS RAMOS, PÚBLICO

São sinais que não podem deixar de ser apreendidos e entendidos e fará mal quem, como a avestruz, se limitar a colocar a cabeça enterrada na areia para não ver o perigo.

VISTO DE BRUXELAS

## O “ALERTA RÁPIDO”

O léxico político acaba de ser enriquecido, em, Portugal, com a expressão “alerta rápido”. Como tem sido explicado por vários analistas e comentadores o “alerta rápido” é um sinal de preocupação, emitido pela Comissão Europeia, relativamente à evolução das finanças públicas de um país membro.

Tal procedimento encontra-se previsto no texto que regula o Pacto de Estabilidade e Crescimento, podendo, obviamente, ser acionado quando existem razões fundamentadas para tal.

Segundo parece Portugal corre o risco de ser vítima de um “alerta rápido” (quando este texto for publicado essa eventualidade ter-se-á já ou não verificado) ou mesmo de uma recomendação, em virtude da evolução negativa das finanças públicas e, nomeadamente, como consequência do incumprimento das metas fixadas para o défice orçamental.

Recorde-se que o nosso País tinha um compromisso de atingir um défice orçamental, em 2001, da ordem dos 1,1 por cento do PIB e os números que se conhecem apontam para um défice verificado da ordem dos 2,2 por cento (ou seja o dobro).

Tal situação não é de resto isolada no contexto da União Europeia e verifica-se, pelo menos em outras economias como a alemã ou a francesa.

De resto o “alerta rápido” a confirmar-se será, de igual modo, apresentado à Alemanha onde o défice orçamental derrapou de 1,5 por cento para 2,6 por cento do PIB.

Significa isto que a justificação ou não justificação para o tal “alerta rápido” - ou recomendação - decorre muito mais da apreciação dinâmica que é feita das finanças públicas de um determinado país, e menos da análise ao concreto valor verificado para o défice num determinado exercício.

Dito de outra forma a crítica dependerá da avaliação que se faz sobre a utilização mais gradual ou mais moderada dos chamados “estabilizadores automáticos” com o objectivo de contrariar tendências de recessão ou de desaceleração de crescimento.

A ser confirmada a “sentença” da Comissão, tal significará que, enquanto foi encontrada para a Alemanha e para a França uma explicação para o relativo descontrolo orçamental, o mesmo não foi identificado no que diz respeito à economia portuguesa.

São sinais que não podem deixar de ser apreendidos e entendidos e fará mal quem, como a avestruz, se limitar a colocar a cabeça enterrada na areia para não ver o perigo.

É por isso que é de louvar e apoiar o repto que o novo secretário-geral do Partido Socialista lançou aos restantes partidos políticos e sobretudo o “caderno mínimo” que elaborou para sustentar uma eventual política de acordos para a governação.

Desse caderno mínimo consta, como podia deixar de ser, o compromisso de aceitar e suportar uma política de consolidação e equilíbrio das finanças públicas, o que, por si só, significa um consenso alargado sobre as políticas fiscal e social e sobre o nível aceitável para a despesa do Estado.

Neste quadro político é, pois, surpreendente a proposta recentemente avançada pelo líder do maior partido da oposição, visando aquilo a que chamou (indevidamente) um choque fiscal e que, na prática, se traduziria por uma diminuição da taxa de IRC (que incide sobre as empresas) e, exclusivamente, da taxa máxima de IRS (que incide sobre os rendimentos mais avultados).

A princípio não deu para entender; afinal o Dr. Durão Barroso interrompia uma peregrinação pelas

capitais da Europa e pela própria sede da União onde foi deixando, irresponsavelmente, a dúvida sobre a verdadeira dimensão do desequilíbrio das finanças públicas portuguesas (o que provavelmente ajudará a compreender a decisão da Comissão - se for tomada - de brindar Portugal com uma censura) e a 1ª coisa que faz, é uma proposta de diminuição da receita fiscal?

Os dias seguintes vieram afinal desfazer o mistério.

O Dr. Durão Barroso, ou seja o PSD, partido candidato a governar Portugal nos próximos anos, propunha realmente uma diminuição da receita fiscal, em certo tipo de rendimentos (os que normalmente são auferidos pelas pessoas ou empresas de maiores posses) mas propunha também, em simultâneo, o cancelamento imediato do recrutamento de pessoas na função pública, o gradual despedimento de muitos trabalhadores, o congelamento das respectivas remunerações e a alteração imediata de diversas leis da República que orientam, para sectores desprotegidos ou regiões periféricas e para o poder local, significativos recursos financeiros da Nação.

Complementarmente propôs ainda, o aumento em 2 p.p. do IVA, ou seja daquele imposto que é pago por todos (ricos e pobres) sem qualquer equilíbrio ou equidade e sobretudo, sem ter em conta, numa sociedade como a portuguesa, a elevada dependência do consumo de bens de primeira necessidade da generalidade das famílias.

O PSD mostrou a sua verdadeira face com estas propostas e sobretudo confirmou que a coesão económica, o bem estar social, a equidade fiscal e as políticas de discriminação positiva a favor dos mais necessitados, não faz parte dos seus objectivos políticos. Na melhor das hipóteses estaremos perante propostas de cariz neoliberal sem quaisquer preocupações sociais

É em volta deste quadro de análise, a que pode adicionar-se a apreciação da verdadeira natureza das políticas de competitividade que o PSD defende - assunto a que voltarei noutra oportunidade - que a acção esclarecedora e pedagógica do PS, na campanha eleitoral, se deve orientar.

Até porque neste, como noutros casos, é muito fácil comparar.

Comparar as políticas dos últimos 6 anos e as políticas dos 10 anos que os antecederam.

Comparar os resultados obtidos, no plano interno e no plano de aproximação à Europa, com o PS e os resultados conseguidos com as políticas anti-sociais do PSD prosseguidas na primeira metade da década de 90...

Se para alguma coisa pode servir a eventual atitude crítica da Comissão Europeia que o seja também para que os socialistas consigam, junto dos portugueses, o *alerta rápido* contra a demagogia e a incompetência do PSD e do seu líder.



MANUEL DOS SANTOS

## APENAS DOIS TERÇOS?

O tempo é o da clareza. Não pode haver hesitações, nem, muito menos, tibiezas. O PS tem de ter um discurso inequívoco. Ser como é - plural nas opiniões, firme nas opções.

Vale a pena falar do passado - destes últimos seis anos de Governo - e reconhecer sem receios que os erros são os erros mas que o que foi feito em favor dos portugueses, sobretudo dos mais fracos, releva, em muito, o que não foi feito.

Tenho a ideia - por experiência de quem viveu nestes anos a vida parlamentar - e a convicção de que, nem sempre, houve clareza na defesa das vossas opções. Mas tenho igualmente a certeza de raramente ter visto o PSD (a verdadeira alternativa de poder) apresentar propostas ou defender ideias que beneficiem os portugueses. Se vi, algumas vezes, críticas - normalmente feitas em tom violento - ao Governo e ao PS, é certo que sempre o fizeram uma lógica que serve apenas os grandes interesses económicos. É fácil, até, perceber isto: o PSD tem uma atitude de ser e de não disfarçar uma “correia de transmissão” do capitalismo gestor. Não espanta, por isso, que os tecnocratas, sem ideal, desejem a vitória do PSD, um partido cuja ideologia é... a do lucro, a que nos remete a todos para uma “sociedade de dois terços” (o outro terço é, pura e simplesmente abandonado à sua sorte...).

Contra isso temos de promover um conjunto de ideias que constituam uma “barreira de protecção” dos que apenas querem mostrar aos accionistas os resultados da sua boa gestão. E mostrar que o défice do Estado é cada vez menor... Ora, o Estado gasta - e dever gastar! - em favor dos mais fracos (na Educação, na Saúde, na Segurança Social).

Por isso, gostei sinceramente da Convenção. Exactamente porque Ferro Rodrigues falou claro - uma intervenção recheada de propostas, umas mais apelativas, outras mais estruturantes - e todos perceberam que o PS não está desarmado para a luta. A questão está, agora, em ser capaz

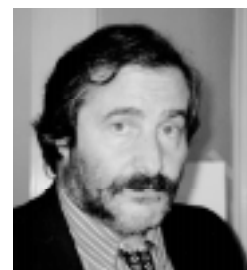
de fazer chegar a cada um a “mensagem”. Já que bastará a cada um dos que olham para a vida, a pensar no futuro, compreender a diferença.

Em resumo, a escolha é simples: se quisermos despedimentos na Função Pública, vota-se no PSD; se quisermos uma Saúde paga por quem tem dinheiro, deve votar-se no PSD; se quisermos uma Segurança Social nas mãos das seguradoras, deve votar-se PSD; se quisermos uma escola mais cara - com propinas mais altas no Ensino Superior e a paragem de uma rede pré-escolar (que hoje já cobre mais de 70% do país) - deve-se votar PSD; se querem parar as obras públicas, vota-se no PSD. E assim, por diante...

Só que não serão só os mais desfavorecidos a sofrer.

Também a “classe média” - a última proposta do sr. Barroso que é o de aumentar o IVA é um exemplo do “ataque” à classe média, visto que é um imposto igual para ricos e remediados...; e, uma outra de baixar o IRS apenas no escalão mais alto é um testemunho das opções do PSD.

Tudo isto, enfim, se resume a uma simples questão: o PS quer Governar para todos, não abdicando de fazer prevalecer a política sobre os interesses inamovíveis. Com determinação. Mas nunca esquecendo um terço da sociedade que o PSD despreza.



JOSÉ SARAIVA

Mas tenho igualmente a certeza de raramente ter visto o PSD (a verdadeira alternativa de poder) apresentar propostas ou defender ideias que beneficiem os portugueses.



ENTREVISTA À RTP E PARTICIPAÇÃO NO FÓRUM TSF

# NÃO SEREI CANDIDATO DE LABORATÓRIO



Em entrevista ao canal 1 da RTP, o nosso secretário-geral disse que não mudava de imagem no sentido que "não serei um candidato de laboratório", e voltou a reafirmar que a 17 de Março a escolha é entre um modelo de esquerda protagonizado pelo Partido Socialista e outro da direita encabeçado pelo PSD, num quadro claro de bipolarização. Instado pela jornalista Judite de Sousa a pronunciar-se sobre um cenário de coligação pós-eleitoral, Ferro Rodrigues defendeu para o PS uma maioria absoluta, acrescentando que se essa realidade não se verificar há três condições para concretização dessa eventual coligação: aceitação da participação de Portugal no

processo de construção europeia, do pacto de estabilidade e convergência e a continuidade das políticas sociais promovidas desde 1996. Pressionado a distanciar-se de António Guterres, o líder socialista considerou que o balanço dos últimos seis anos se salda por activos muito positivos, nomeadamente em matéria social, cultural e económica. Reconhecendo que "cada pessoa tem o seu estilo" e que várias vezes discordou no interior do governo com certas medidas, nunca veio para os jornais com "declarações bombásticas" nem se demitiu do Executivo porque nas suas grandes linhas sempre esteve de acordo as orientações definidas para o País e

porque as divergências não eram suficientes "para pôr em causa um trabalho global". "Estou determinado a avançar com os genéricos já em 2003", foi desta forma peremptória que respondeu à questão da introdução dos medicamentos com a sua designação genérica, acrescentando que isso será feito de modo gradual e que haverá medicamentos que continuarão a ser vendidos pela sua designação de marca. Relativamente à diferenciação salarial na Função Pública, "que também vai dar uma guerra", Ferro Rodrigues entende que esse regime corresponde ao premiar do mérito segundo regras de avaliação que tenham em atenção o desempenho de cada trabalhador e não "prémio da rotina" como acontece hoje em dia. Nas políticas sociais, defendeu a substituição do conjunto de pensões por casal de idoso para o equivalente ao salário mínimo nacional. Duro com Durão, defendeu ao contrário do líder do PSD, que na frente fiscal as medidas que forem tomadas têm que ser de discriminação positiva, e considerou irresponsável que o líder do PSD tenha ido a Bruxelas junto das instituições europeias, lançar suspeitas sobre os números do défice, afirmando que o próprio

governador do Banco de Portugal ainda esta semana confirmou que o nosso país está em condições de cumprir o Pacto de Estabilidade e Crescimento. Em ataque directo aos sociais-democratas, citando a Price Water House Cooper's, afirmou que em 2002 Portugal irá crescer o dobro da média europeia, para seguidamente recordar que em "1995 estávamos a 50 por cento da média europeia e hoje estamos nos 75 por cento". A questão do aborto foi outros dos assuntos puxadas para cima da mesa, como tinha sido, aliás, um dos temas fortes do Fórum da TSF da passada segunda-feira, com a sua presença em estúdio para responder aos ouvintes daquela estação. Sobre este ponto, Ferro Rodrigues acrescentou que se houver "grande consenso no Parlamento", até se poderia ver "a questão do referendo como uma questão em que todos participaríamos de forma activa e onde os resultados seriam certamente diferentes daqueles que foram há uns anos". Outra área abordada foi a dos equipamentos sociais, com o novo líder do PS a assegurar, caso ganhe as eleições, irá dar prioridade às áreas urbanas: "Não é a urbanização selvagem, mas o desenvolvimento de equipamentos sociais. Um bom hospital é certamente um equipamento social fundamental".

## LEGISLATIVAS DE 17 DE MARÇO

### VITALINO CANAS É O MANDATÁRIO NACIONAL DO PS

Vitalino Canas é o mandatário nacional do PS para as eleições legislativas de 17 de Março. O mandatário nacional tem a responsabilidade do processo de candidaturas e representa o partido junto dos organismos que tutelam as questões eleitorais, designadamente o Tribunal Constitucional e a Comissão Nacional de Eleições. Vitalino Canas é membro do Secretariado Nacional do PS e secretário de Estado da Presidência do Conselho de Ministros.



# E PENSAR QUE UM DIA TUDO ISTO FORAM APENAS PROMESSAS.

Estes são algumas das muitas promessas, ideias, compromissos e projectos que o Governo PS transformou em realidade nos últimos 6 anos.

Estas acções representam uma pequena percentagem de tudo o que fizemos.

E também uma pequena percentagem de tudo o que queremos fazer pelo país nos próximos anos.

1) Desde 1995 que Portugal cresceu mais ao nível da média Europeia. 2) Integrámos o polo da fenda do Euro. 3) O défice público é hoje de 2,2% contra os 4,8% de 1995. 4) A dívida pública desceu de 64% em 1995 para 50% em 2000. 5) O emprego líquido foi de 337 mil novos postos de trabalho. 6) Temos uma das mais altas taxas de emprego da Europa. 7) Fizemos a maior redução do tempo de trabalho, de 45 para 40 horas. 8) A taxa de desemprego é desde 1995 uma das mais baixas da Europa. 9) Há hoje em Portugal menos 125 mil desempregados inscritos do que em Outubro de 1995. 10) Foram criadas mais de 138 000 novas empresas. 11) Em 1995, o período médio de criação de uma nova empresa era de 4 a 6 meses. Em 2000 foi de 23 a 33 dias. 12) Asegurámos a sustentabilidade da segurança social, garantindo o seu futuro sólido para além de 2030. 13) Aumentámos os índices de reforma. As mais baixas cresceram em termos reais 42% a 54%. Passamos de um sistema contributivo a um sistema mais equitativo e mais seguro em 84%. 14) Introduzimos o princípio da diferenciação, mais a quem mais precisa e mais a quem mais desfruta ao longo da vida. 15) Em 1995, beneficiaram dos equipamentos de apoio à terceira idade 94 000 idosos. Hoje são mais de 175 000. 16) Duplicou-se o apoio domiciliário a idosos. 17) Com o Rendimento Mínimo Garantido contribuímos com sucesso a pobreza e a exclusão,

permitindo uma eficaz inserção social a 130 mil portugueses. 18) Em 6 anos foram abertos ao público mais 716 km de auto-estrada, quando nos 10 anos anteriores apenas foram abertos 630 km. 19) Em um ano centos e cinquenta km de auto-estrada já concessionados mais 330 km para construção. 20) Em 1995, Portugal não tinha nenhuma ligação a Espanha por auto-estrada. Hoje temos 3 ligações, estando em construção mais duas. 21) Temos o maior Quadro Comunitário de Apoio de sempre gerando um investimento da ordem dos 50 000 milhões de euros. Portugal é hoje o primeiro país da Europa na criação do QCA. 22) Foram abertos mais 15 mil vagas no Ensino Superior Público. 23) Foram criadas duas novas faculdades de medicina e 2 000 novas vagas para a formação de profissionais na área da saúde. 24) Em 1995, 58% dos candidatos foram excluídos do Ensino Superior Público. Em 2001, pela primeira vez, o número de vagas superou o número de candidatos. 25) Pela primeira vez, todos os alunos orientados do ensino superior público ou privado recebem bolsa de estudo. 26) Desde 1995, mais 85 mil crianças foram abertas ao ensino pré-escolar. 27) Combateu-se com êxito o incómodo e o abandono escolar precoce. 28) Construímos mais de 500 instalações escolares. 29) Entramos em funcionamento 11 novos hospitais e 181 novos centros de saúde. 30) No Serviço Nacional de Saúde, registaram-se no ano 2000 mais 3 milhões e meio de consultas do que em 1995. 31) Passamos a tratar o toxicodependente como um doente e não como um criminoso. 32) Criámos 18 Centros de Atendimento a Toxicodependentes e estâncias onde o número de consultas mais que duplicou. 33) No ano 2000, foi batido o recorde de apreensão de drogas. 34) Agilizámos os procedimentos de investigação criminal e facilitámos os mecanismos de investigação criminal. 35) O número de efectivos das forças de segurança aumentou em 6 201 novos agentes. 36) Formámos 10 657 novos agentes policiais. 37) Construímos 136 novas instalações (equipadas e postas) e ocupamos 243 outros. 38) Criámos 31 centros de polícia municipal, dando execução a uma política de proximidade. 39) Hoje, 100% dos cidadãos urbanos têm tratamento adequado. 40) Todas as 341

terceiras ao ambiente. 41) Aumentámos de 7% para 22% a parte do território classificado para a conservação da natureza com a aprovação da Rede Natura.

42) Resolvemos os problemas hidrologicos com Espanha. 43) Completámos o planeamento dos rios novos e temos finalmente o Plano Nacional da Água. 44) A Barragem do Alqueva em construção há 40 anos. Nós construímos-la, permitindo irrigar 113 478 hectares, o que corresponde a um acréscimo de 34-4% da superfície irrigada do continente. 45) Desde 1996, foram lançadas 34 obras de aproveitamento hidroagrícola que permitem já regar mais de 14 000 hectares. 46) Plantámos e beneficiámos cerca de 370 mil hectares de floresta. 47) Certificámos 100 produtos tradicionais de qualidade quando em 1995 não existia nenhum. 48) Criámos o seguro de colheitas contra as intempéries. 49) Desde 1995, mais de um milhão de portugueses compram casa. 50) Mais de 310 mil famílias jovens beneficiaram do apoio do Estado na aquisição de habitação própria. 51) Passamos de um ritmo anual de alojamento de 600 famílias em 1995 para 7 000 famílias em 2000. 52) Criámos o Ligeiro da Cidadão, onde já se registaram mais de 7 milhões de atendimentos. Criámos 15 Pontos de Atendimento ao Cidadão e diversos Centros de Formalidades de Empresas. 53) Instalámos uma rede informática e de videovisualização que liga todos os tribunais. 54) Contribuímos activamente em operações humanitárias e de manutenção da paz, designadamente através das nossas Forças Armadas e de Segurança, em Timor, na Bósnia e no Kosovo. 55) Contribuímos decisivamente para que os Timorenses vivam em liberdade. 56) Investigámos Portugal com o exercício da Presidência da União Europeia e deixámos uma marca para o futuro da Europa com a Declaração de Lisboa. 57) Inaugurámos mais 51 bibliotecas públicas por todo o país. 60) Envolvemos nos no reconhecimento como Património Mundial das gravuras rupestres de Voz Côa, dos centros históricos do Porto e de Guimarães, da paisagem cultural de Serra da Ilhéu Lousiã da Madeira e do Douro Vinhateiro. 41) Apoiámos mais de 200 000 famílias na compra de computadores. 62) Multiplicámos por 4 o investimento público na

para desenvolver mais espaço aos jovens, preservarmos os centros históricos e criarmos espaços verdes. 63) Subordinámos a política de ordenamento do

terramos a construir 7 novos estádios e a renovar outros 3. 65) Duplicámos a transferência de verbas para as autarquias.



Convenção Nacional do PS - Dia 26 de Janeiro - Coliseu dos Recreios - Lisboa



FALAR É FÁCIL. FAZER É CONNOSCO.

# SOL NA EIRA E CHUVA NO NABAL

**Não faltarão por aí os habituais vendedores de ilusões e/ou apóstolos das soluções messiânicas, como se fosse possível, em simultâneo...**

Decorridas quase três décadas de vivência democrática e de liberdade em Portugal, parece-me lícito poder dizer-se que os cidadãos terão hoje, de um modo geral, um conhecimento mais profundo da vida política e, nessa medida também, uma visão muito mais sua e intrínseca dos diversos factores em jogo.

Assim sendo, parece-me igualmente lógico admitir que o voto expresso por cada cidadão em cada acto eleitoral, corresponderá, grosso modo, a uma opção, porventura, melhor formada e consistente ou, pelo menos, mais em consonância com a sua própria opinião sobre as coisas, naturalmente, em função daquilo que, bem ou mal, conseguem apreender e perceber.

Constituindo, então, em princípio, cada voto a uma opção deliberada, individual e consciente, não deixa de ser verdade que essa decisão, apesar de partir do foro íntimo de cada eleitor, poderá, no fundo, resultar numa opção inconscientemente tomada, se a fonte que a inspira e constrói, estiver, à partida, inquinada por uma informação diariamente distorcida e não isenta.

Estou, por isso, inteiramente de acordo com o ministro das Finanças, Guilherme d'Oliveira Martins, quando refere a existência de dois princípios fundamentais em política que não podem ser descuidados: Primeiro, que o eleitorado tem sempre razão, porque é soberano; segundo, que é preciso estar sempre atento e desmistificar as cabalas e mentiras, mil vezes repetidas, por forma a que as mesmas não venham a parecer verdades.

A este propósito entendo pertinente a preocupação evidenciada por, Ferro Rodrigues, candidato a secretário-geral do PS e posteriormente a Primeiro-ministro, de que é necessário estabelecer uma relação mais directa com o eleitorado e explicar-lhe, em todos os momentos e sem eufemismos, a situação concreta do País, os seus problemas e reais dificuldades, apresentando obviamente também as soluções preconizáveis.

Sinceramente, acho que o PS falhou não tanto pela governação ou eventual falta de obra realizada, incomparavelmente melhor do que nos governos do PSD (não é por acaso que o insuspeito Miguel Sousa Tavares diz que os portugueses ainda hão de chorar por Guterres) mas no modo como se deixou enrolar por uma Comunicação Social impiedosamente hostil e ávida de sensacionalismo – então os Telejornais eram uma autêntica trituração diária! – não conseguindo transmitir ao País tudo o que de positivo fez.

Guterres e o PS terão cometido alguns erros de percurso (quem não os comete?! – a ideia da infalibilidade cavaquista já não pega) sobretudo, em termos de avaliação da sua dialéctica com o País, mas é indiscutível que nestes últimos seis anos muita coisa mudou para melhor. Que o País progrediu e se desenvolveu, não tanto quanto seria desejável, mas a verdade é que nem tudo

depende exclusivamente de nós e Portugal não está imune ao que se passa no Mundo, com a quase totalidade das economias fortemente abaladas e algumas mesmo em sistemática recessão, há vários anos, como acontece no Japão.

É indiscutível que os portugueses vivem hoje, de um modo geral, bastante melhor, usufruindo de outros níveis de conforto e de bem estar que não dispunham em 1995, no tempo do PSD.

Se há dúvidas, veja-se o poder de compra das pessoas, com os centros comerciais sempre a abarrotar de gente, os cerca de 700 mil postos de trabalho criados, a quantidade de novas habitações construídas (mais de 600 mil) os 700 km de auto-estradas realizadas (na Madeira, em 25 anos apenas 40 km e de via rápida - não confundir com auto-estrada - da Ribeira Brava a Machico, e meu Deus que espalhafato e que deslumbramento!...) mas, particularmente, atente-se no número de automóveis em circulação, hoje na ordem dos 330 por cada mil habitantes.

Com as eleições legislativas à porta, não faltarão por aí os habituais vendedores de ilusões e/ou apologistas das soluções messiânicas, como se fosse possível reduzir as despesas sociais sem sacrificar os mais pobres, aumentar os salários reais sem agravar a despesa pública, ou reduzir a carga fiscal sem a diminuição das receitas, em suma, como se fosse possível ter, em simultâneo, sol na eira e chuva no nabal.



**GIL FRANÇA**

## PS, PARTIDO DA LIBERDADE

Em pretérita reunião da Assembleia Municipal da Câmara Municipal do Funchal, um autarca socialista, Miguel Fonseca, referiu-se ao PS-M como o Partido da Liberdade. A resposta aos falsos autonomistas do PSD-Madeira foi, na verdade, célebre e substancial, reafirmando, assim, o partido que defende com o sentido verdadeiro a Liberdade.

E já agora, caso o dr. Alberto João não concorde conosco no que concerne à liberdade, e se não aceita também o resultado das eleições presidenciais de Janeiro último, onde a Madeira votou claramente no dr. Jorge Sampaio, candidato apoiado pelo Partido Socialista, o partido da liberdade, então, caro presidente, existe uma figura no Estatuto Político Administrativo da Região Autónoma da Madeira que é a exoneração. Coloque o seu lugar à disposição do Ministro da República. Obrigado.

Ora, o PSD-M é um partido de autonomias, ninguém duvida, desfralda a bandeira da Autonomia, mas uma autonomia privada, com accionistas apenas laranjas. Recusam a independência clara, porquanto ainda não foram capazes de assegurar o financiamento do seu Estado-Região. A Autonomia total e progressiva pretendida pelo PSD-M é a autonomia do clube privado, sem a dependência dos órgãos de soberania Nacional, como o Presidente da República, mas sob o jugo da Rua dos Netos, cujos estatutos apresentam um ponto único: "yes-man"

Como se observa, o PSD-M pretende transformar a Madeira numa colónia laranja, ao serviço do pensamento único, da festa única, do partido único, onde os direitos, liberdades e garantias dos cidadãos sejam determinados segundo a opção política de cada indivíduo. Como afirma o presidente do PSD-M, e com razão, esta autonomia não é de todos. Isso já nós sabíamos, mas agora fica claro que esta autonomia é só para alguns. Não é por acaso que a estátua da Autonomia tem um lindo par de catarinas.

Os madeirenses já demonstraram que não pactuam com este ardil do PSD-M. Basta adicionar os milhares de madeirenses abstencionistas aos votos de toda a oposição e conclui-se que a maioria não vota nesta laranja de autonomia obliqua. Os portugueses que vivem na pérola do Atlântico não se resumem aos que se apresentam na parada laranja.

O Partido Socialista, desde sempre, lutou pela Liberdade contra todas as formas de totalitarismo e ninguém pode conceber a Autonomia sem a Liberdade, primeiro a Liberdade e depois a Autonomia. Esta deriva daquela e não ao contrário. A Autonomia do PS-M assenta no pluralismo democrático, na construção e na pluralidade de valores, a justiça e a solidariedade que são valores

essenciais na garantia da liberdade individual. O PS-M, o Partido da Liberdade, ambiciona a Autonomia numa perspectiva de modernidade, onde se confrontem valores, perspectivas e prioridades e onde se dignifiquem os espaços democráticos de avaliação e decisão. A Liberdade é um valor inegociável e é essa luta que tem de ser ganha por todos os madeirenses. A Autonomia do PSD, partido desta autonomia que não é de todos, aquele que oprime, que exclui, que ameaça os seus militantes, aquela que obriga a irem à festa do Chão do Lagoa, que bem podia ser o Chão do Lodaçal, é o partido do centralismo do Governo Regional contra as Câmaras, contra as Freguesias, contra a Sociedade civil, numa palavra, contra a autonomia dos cidadãos. Nesse ponto, o PSD-M é o partido mais anti-autonomista que existe. Altos dirigentes da autonomia privada que temos cá no burgo pegam no dinheiro que a Autonomia lhes deu e vão aplicá-lo no estrangeiro, em vez de investirem na sua tão amada "Pátria": "por esse Mundo além, Madeira, a tua desgraça continua"! Não investem nos clubes da região, na juventude, nas empresas para criarem empregos, estes autonomistas privados vão investir no estrangeiro, sabe-se lá porque razão. Um dia, há-de-se fazer história. Um regime é eterno enquanto dura.

O Comunismo também era eterno e viu-se.

**O Partido Socialista, desde sempre, lutou pela Liberdade contra todas as formas de totalitarismo e ninguém pode conceber a Autonomia sem a Liberdade, primeiro a Liberdade e depois a Autonomia. Esta deriva daquela e não ao contrário. A Autonomia do PS-M assenta no pluralismo democrático, na construção e na pluralidade de valores, a justiça e a solidariedade que são valores essenciais na garantia da liberdade individual.**

**RUI CAETANO  
(MADEIRA)**

# A SEMANA PREVISTA

**SEG.** Segunda-feira, 4 de Fevereiro, é a data limite para a entrega das listas de candidatos a deputados nos tribunais.

**TER.** Neste mesmo dia tem lugar no Largo do Rato uma reunião do Secretariado Nacional do Partido Socialista, presidida pelo secretário-geral, Ferro Rodrigues.

**QUA.** António Guterres visita as obras de restauro do Mosteiro de Tibães, cuja primeira fase já se encontra concluída. A recuperação do património histórico foi uma das promessas eleitorais dos socialistas que tem vindo a ser paulatinamente cumprida, não só em Tibães mas também em Tarouca, em Salzedas, e um pouco por todo o país, como aconteceu recentemente com a celebração do protocolo entre o Estado e o Patriarcado de Lisboa com vista ao restauro da Sé da capital.

**QUI.** O Primeiro-ministro tem também previsto inaugurar a nova esquadra da PSP da Cova da Moura e o Centro de Arbitragem de Empresas em Coimbra.

**SEX.** "Eleições e Democracia" é o título de um colóquio organizado pela Fundação Luso Americana, cuja sessão de abertura contará com a intervenção do nosso camarada Alberto Martins.

**SÁB.** O ministro José Lello preside á cerimónia de assinatura de contratos-programa, no âmbito do Euro 2004, tendo em vista a construção de novos estacionamento nos estádios do Braga e do Guimarães.

**DOM.** Portugal apresentará a candidatura da ilha do Pico como património mundial da humanidade à UNESCO.

SEG. TER. QUA. QUI. SEX. SÁB. DOM.

## ACÇÃO SOCIALISTA INFORMAÇÕES ÚTEIS

PARTIDO SOCIALISTA  
E-mail [info@ps.pt](mailto:info@ps.pt)

GRUPO PARLAMENTAR  
NA ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA  
E-mail [gp\\_ps@ps.parlamento.pt](mailto:gp_ps@ps.parlamento.pt)

GRUPO PARLAMENTAR  
EM BRUXELAS  
E-mail [PSEDelegPT@europarl.eu.int](mailto:PSEDelegPT@europarl.eu.int)

PRESIDENTE DA REPÚBLICA  
JORGE SAMPAIO  
E-mail [belem@presidencia-republica.pt](mailto:belem@presidencia-republica.pt)

PRIMEIRO-MINISTRO  
ANTÓNIO GUTERRES  
E-mail [pm@pm.gov.pt](mailto:pm@pm.gov.pt)

PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA  
DA REPÚBLICA  
ANTÓNIO ALMEIDA SANTOS

E-mail [a.almeidasantos@ar.parlamento.pt](mailto:a.almeidasantos@ar.parlamento.pt)

FUNDAÇÃO MÁRIO SOARES  
E-mail [m.soares@fmsoares.pt](mailto:m.soares@fmsoares.pt)



ÓRGÃO OFICIAL DO PARTIDO SOCIALISTA  
Propriedade do Partido Socialista

### FICHA TÉCNICA

Director António José Seguro

Director-adjunto Silvano Gomes da Silva  
[silvanogomes@partido-socialista.pt](mailto:silvanogomes@partido-socialista.pt)

Coord. Administrativo e Financeiro José Manuel Viegas  
Grafismo Miguel Andrade

Redacção J.C. Castelo Branco  
[castelbranco@partido-socialista.pt](mailto:castelbranco@partido-socialista.pt)  
Mary Rodrigues  
[maryr@partido-socialista.pt](mailto:maryr@partido-socialista.pt)

Secretariado Sandra Anjos  
[sandraanjos@partido-socialista.pt](mailto:sandraanjos@partido-socialista.pt)

Paginação electrónica Francisco Sandoval  
[fsandoval@partido-socialista.pt](mailto:fsandoval@partido-socialista.pt)

Edição electrónica Joaquim Soares  
José Raimundo  
Francisco Sandoval

Internet [www.ps.pt/accao](http://www.ps.pt/accao)  
E-mail [Accao.Socialista@partido-socialista.pt](mailto:Accao.Socialista@partido-socialista.pt)

Redacção, Administração e Expedição Avenida das Descobertas 17  
Restelo - 1400-091 Lisboa  
Telefone 21 3021243 Fax 21 3021240

Toda a colaboração deve ser enviada para o endereço referido

Dépósito legal N.º 21339/88; ISSN: 0871-102X

Impressão Mirandela, Artes Gráficas SA  
Rua Rodrigues Faria 103, 1300-501 Lisboa

Distribuição Vasp, Sociedade de Transportes e Distribuições, Lda.,  
Complexo CREL, Bela Vista, Rua Táscoa 47, Massamá, 2745 Queluz



Quero assinar o Acção Socialista na modalidade que indico  
Junto envio o valor da assinatura

Quero renovar a assinatura  
Junto envio o valor da assinatura

Cheque  
 Vale de correio  12 meses

Por favor remeter este cupão para:

Acção Socialista  
Avenida das Descobertas, 17 - Restelo  
1400-091 Lisboa

Nome \_\_\_\_\_  
Morada \_\_\_\_\_  
Localidade \_\_\_\_\_ Código Postal \_\_\_\_\_

Assinaturas	12 meses
	52 números
Continente	25 €
Regiões Autónomas	32 €
Macau	54 €
Europa	63 €
Resto do Mundo	92 €

O valor das assinaturas  
de apoio é livremente fixado  
pelos assinantes  
a partir dos valores indicados

